

JAC-SSONE ALERTE

**(RE)CONSTRUINDO UM
SONHO**

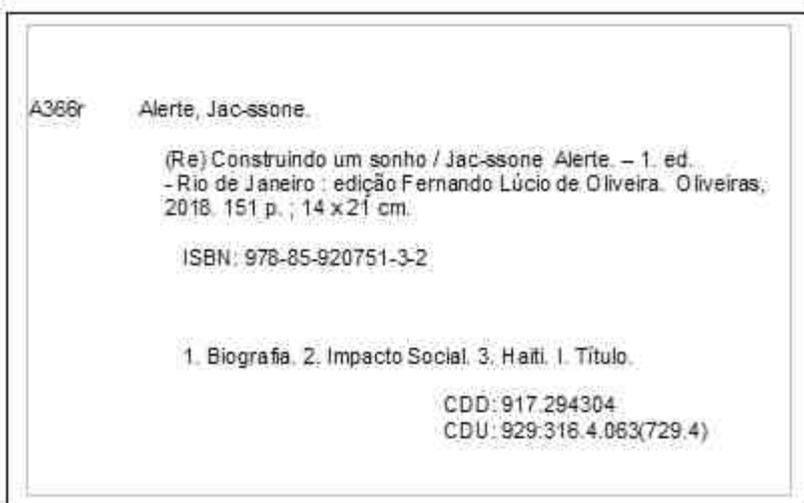
Em depoimento a Fernando Lúcio de Oliveira

Oliveiras – 2018

Copyright© 2018 Jac-ssone Alerte - Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem autorização escrita do autor ou da editora.

Capa: Rubens Lima (www.capista.com.br). Foto de Capa: Welison Cruz Fotografia. Pesquisa, Revisão Linguística e de Conteúdo – Fernando Lúcio de Oliveira e Caroline Teixeira de Oliveira.

Conselho Editorial responsável por esta obra: Fernando Lúcio de Oliveira, Caroline Teixeira de Oliveira, Felipe Santoro Pinheiro, Isabelle Conde de Carvalho, Regina Vasconcelos, Katia Montechiari Dantas, Izabela Nascimento, Fernando Arthur Brasil Danziger.



Catálogo da publicação Bibliotecário: Robson de Jesus Rua – CRB 7 / 6691
Oliveiras – Editorial & Consultoria – CNPJ 29.052.807/0001-50
Rua Carolina Ferreira, 192, bloco 02, 1105, 11º andar, Centro, Belford Roxo/RJ.
Tel. (21) 3047-4207 / (21) 98202-8804 / oliveiraseditorial@gmail.com
Editado por Fernando Lúcio de Oliveira (Prefixo B.N – 920751)

Este livro simboliza não apenas um produto, uma compra. Muito além disso, representa uma conquista, um legado a ser passado de geração em geração, porque contribui com a realização de um grande sonho: reconstruir o lugar onde nasci. É mais do que ler e ouvir sobre a história, é fazer parte dela. Ao comprar este exemplar, você estende as mãos e trabalha junto comigo e com o meu povo e vive a experiência de fazer a diferença, ajudando este importante projeto. Muito obrigado!

Jac-ssone Alertte

Ao povo de Don de L'Amitié.

PREFÁCIO

A motivação para o Projeto SHS – Solução Habitacional Simples inicia no ano de 2004, quando ocorreu o desastre do tsunami que devastou o sul da Ásia, matando mais de 285 mil pessoas. Nesta ocasião, percebi a necessidade de um sistema estruturado que facilitasse a organização básica do caos instalado e ao menos a reconstrução de residências populares, com recursos mínimos, em situações de desastres. O material do Projeto SHS foi, então, desenvolvido de forma mais estruturada entre os anos de 2009 a 2012 (fase 1), por meio de um projeto de inovação tecnológica apoiado pela FAPERJ.

Infelizmente, tal cenário repetiu-se em diversas outras situações, destacando-se em 2010 o desastre do Haiti que, segundo o então primeiro-ministro deste país, Jean-Max Bellerive, contou com mais de 316 mil mortos. Para agravar o quadro, os impactos e os efeitos danosos de longo prazo sobre a população revelam-se proporcionais à vulnerabilidade da mesma, ou seja, os mais pobres são atingidos de forma mais aguda e mais prolongada.

Conheci Jac-ssone Alerte no segundo semestre de 2014, logo após meu ingresso como professor efetivo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em algumas

poucas conversas, ficou evidente que os interesses e ideais de ambos convergiam para o tema de recuperação pós-desastre. Jac-ssone, no entanto, trazia marcas e uma urgência de ação típicas de quem viveu o problema na pele e sentiu seus impactos devastadores. Durante esse período, pude acompanhar sua angústia e ansiedade em presenciar, à distância, a perda de sua mãe, a ação devastadora do furacão Mathew (2016) e a ameaça do furacão Irma (2017).

Cada evento desses, no entanto, pareceu fortalecer ainda mais no Jac-ssone a clareza de seu propósito e a motivação em utilizar seus esforços e recursos em prol de um objetivo mais amplo e ousado: trabalhar pela reconstrução do Haiti, mesmo com todas as dificuldades que isso poderia acarretar. Apresentei ao Jac-ssone o Projeto SHS e ele se interessou imediatamente pela possibilidade de adaptá-lo e aplicá-lo ao Haiti. Mas como fazer isso, se não havia recursos financeiros disponíveis para a construção?

O empreendedor social costuma ser alguém que não se contenta com o “não” e que transforma as dificuldades em oportunidades. Traz em si um chamado de urgência pelo progresso do coletivo e busca orientar suas ações pessoais na direção de um retorno mais amplo, com impacto social significativo e pode atuar de

diversas formas: empresário, funcionário de empresa privada, funcionário público, político, líder comunitário, professor, pesquisador, voluntário em algum projeto, ONG, etc. O empreendedor social possui grande poder de mobilização em torno de ideais nobres que não são somente seus, mas com os quais ele e seus colaboradores de alinham. Jac-ssone Alerte tem todas as características de um autêntico empreendedor social e um grande potencial de realização desse projeto. Aos poucos, de passo em passo bem calculados, surgiu e tomou forma o Projeto VILA MARIE CELIANE ALEXIS, um embrião da recuperação haitiana, protagonizada pelos próprios haitianos.

Em 2016, Jac-ssone optou por aprofundar seus conhecimentos e desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso de Engenharia Civil na UFRJ sob o título “PROPOSTA DE (RE) CONSTRUÇÃO DE CASAS POPULARES EM REGIME DE MUTIRÃO COMO ALTERNATIVA AO DÉFICIT HABITACIONAL DO HAITI”, com estudo de caso na localidade de Don de L’amitié. Esse trabalho foi defendido em 2017, quando Jac-ssone graduou-se em Engenharia Civil, e pode ser acessado diretamente no site da Escola Politécnica da UFRJ.

No início de 2017, decidi retomar o Projeto SHS (segunda fase) com o objetivo de adaptar e complementar

o material da fase 1, de modo que pudesse ser mais facilmente compreendido por seus usuários, utilizando recursos como slides, animações e videoaulas. A forma encontrada para a realização desses objetivos foi a criação de uma ação de extensão oferecida pela Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual participaram de forma voluntária cerca de 18 professores, 2 técnicos administrativos e 70 estudantes de cursos diversos, tais como Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social, Letras, dentre outros. Em 2018, o material será apresentado pela primeira vez durante um curso presencial oferecido a Haitianos que residem no Rio de Janeiro e possuem a intenção de retornar ao Haiti para trabalhar na reconstrução do país. Na medida em que for sendo concluído, o material didático desenvolvido será disponibilizado gratuitamente por meio do site do Projeto SHS (www.shs.poli.ufrj.br).

Além de organizar os Haitianos para a primeira turma do curso SHS, o engenheiro Jac-ssone também participa dos grupos de trabalho de Materiais (cuja missão é pesquisar, experimentar e entender melhor o comportamento dos tijolos de solo-cimento) e Mutirão (responsável por estudar e melhorar os métodos e ferramentas para controle de mutirões habitacionais).

Enfim, desejo ao Jac-ssone todo sucesso nessa empreitada e acredito muito no seu potencial realizador. Vamos em frente e firmes no propósito rumo ao Projeto VILA MARIE CELIANE ALEXIS!

Leandro Torres Di Gregorio

SUMÁRIO

PASSADO: Do Haiti ao Brasil

1.	QUEM SOU EU?.....	14
2.	UM POUCO SOBRE MINHA FORMAÇÃO NO HAITI.....	29
3.	PORTO PRÍNCIPE E UMA OPORTUNIDADE.....	37
4.	CHEGUEI AO BRASIL. E AGORA?.....	45
5.	SONHOS PODEM SER RECONSTRUÍDOS.....	51
6.	ADEUS, MARIE.....	55

PRESENTE: No Brasil, novos desafios....

7.	TEMPOS DIFÍCEIS EXIGEM DECISÕES FIRMES.....	63
8.	A FUNDAÇÃO DA JELL ENGENHARIA.....	69
9.	A RESPONSABILIDADE SOCIAL DE UM ENGENHEIRO.....	73
10.	SOBRE O PROJETO SOLUÇÃO HABITACIONAL SIMPLES (SHS).....	77
11.	O QUE É O TIJOLO SOLO-CIMENTO?.....	81

12.	MINHA VIDA ACADÊMICA NA ENGENHARIA E MINHAS ESTRATÉGIAS.....	85
13.	FÉ E PROPÓSITO. VAMOS QUE VAMOS E VAMOS EM FRENTE!.....	102
14.	SOBRE O MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO E O PROJETO VILA MARIE.....	106

FUTURO: Uma história que não termina por aqui...

15.	O QUE É O PROJETO VILA MARIE E QUAL É O SEU PRINCIPAL OBJETIVO?.....	125
16.	COMO EU VEJO O FUTURO DAS REGIÕES RURAIS NO HAITI APÓS O PROJETO?.....	127
17.	NOVAS MORADIAS E, POR QUE NÃO, NOVAS ESCOLAS?.....	130
18.	SELEÇÃO DOS BENEFICIÁRIOS DAS PRIMEIRAS CASAS.....	135
19.	MENSAGENS DE INCENTIVO AO LONGO DO PROJETO.....	139

PASSADO

Do Haiti ao Brasil

1. QUEM SOU EU?

O haitiano, o que fala francês, o cara do tijolo. As pessoas no Brasil me conhecem por vários nomes, mas quem sou eu? Jac-ssone Alerte. Esse é o meu nome. Sou engenheiro civil, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), empreendedor social, morador do Rio de Janeiro.

Esses nomes, rótulos, títulos ajudam a entender parte de quem estou me tornando, mas isso é somente a ponta do *iceberg*, é apenas um pedacinho da longa e dura jornada que enfrentei até chegar aqui. Para compreender de verdade quem eu sou, quem eu fui e quem eu pretendo me tornar, você precisa me acompanhar nesta história de como surgiram os sonhos que tive – e ainda tenho –, e como trabalhei firme para realizá-los:

Eu sou natural do Haiti, um país da América Central, banhado pelo Mar do Caribe, que faz fronteira com a República Dominicana. Nasci em uma pequena localidade, chamada

Don de L'amitié (ao pé da letra, seria algo como “dom/presente da amizade”), que fica a seis quilômetros de Duchity, da cidade de Pestel, do distrito de Grand'Anse. Por algum motivo, as pessoas me chamam de “Gerald” no Haiti (até hoje não descobri o porquê).

Minha família é grande. Somos 11 filhos: Lenerst Alerte, Vilnerst Alerte, Franquel Alerte, Saint Fleur Alerte, Viller Alerte, Carole Alerte, Joubert Alerte, Maken-Sone Alerte, Ernante Alerte, Robenson Alerte e eu, Jac-ssone Alerte. Meus pais foram agricultores a vida inteira em culturas de subsistência (feijão, milho, mandioca, banana). A base da nossa alimentação vinha disso, do que sobrava da colheita. Comíamos carne só aos domingos, porque não tínhamos dinheiro mesmo. Carne, frango (“mistura”) todo dia era uma extravagância que a gente não podia bancar. Mandioca e manga eram meus alimentos favoritos.

Dar duro todos os dias não era uma opção, era o único caminho. Eu e todos os meus irmãos trabalhávamos na roça com meus pais, plantando e esperando o cultivo. O que conseguíamos colher era vendido em pequenas feiras da região, para nos sustentar e pagar os nossos estudos. Aliás, nem todo ano conseguíamos ir para a escola, porque o plantio nem sempre dava bons resultados (devido ao mau tempo ou a pragas e outros fatores) e isso nos deixava muito tristes. Por falar nisso, o mau tempo era frequente. O clima no Haiti é um pouco parecido com o do Brasil: inverno um pouco mais seco e verão muito chuvoso. Aqueles temporais e chuvas fortes de verão que caem por aqui, causando inundações e deslizamentos de terra, desabamentos de estrutura, quedas de árvores, também acontecem por lá.

Eu morava em uma casa bastante simples, no meio da roça, feita com pedra e argila. Não tinha energia elétrica, nem banheiro e as velas eram a nossa fonte de energia, o que dificultava

muitas tarefas simples, como ler à noite ou procurar algo dentro da casa. Você deve imaginar como a minha infância foi pobre e humilde: o que para alguns é uma situação enfrentada de vez em quando, para mim era o dia a dia. Quero dizer, quando falta luz em casa, a gente tem sempre uma vela na gaveta do armário, para essa emergência, não é verdade? Lá em Don de L’Amitié, a gente usava velas e lampiões como regra, não como exceção. Não foi um crescimento fácil. As dificuldades sempre foram muitas e não apenas financeiras, mas também sociais. O lugar era (e ainda é, infelizmente) desprovido de tudo, com pouca ou nenhuma oferta dos principais serviços e benefícios que um governo sério poderia dar à população: saúde, educação, saneamento, segurança, lazer... Don de L’Amitié era um lugar desconectado do resto do Haiti, sem referência de pessoas bem-sucedidas, sem personalidades influentes. Nesse cenário, meu único rumo era construir minha própria personalidade e seguir

na luta diária, vencer um desafio após o outro, reerguendo-me quando caía e dando a volta por cima, perseverando sempre para terminar tudo que começava.

Não escolhi nascer em um lugar tão pobre, mas para superar a pobreza eu sempre precisei fazer escolhas difíceis e aprender a sofrer o presente em busca de um futuro melhor. Afinal, isso dependia principalmente de mim e dos meus esforços diários. E, como já comentei, o maior problema de crescer na roça é a falta de referência. Quero dizer, em um lugar onde quase todo mundo é igual e nada parece mudar, o que poderíamos nos tornar? Agricultores, como a maioria.

Durante a infância, quando fui morar na casa de minha madrinha (que cuidou de mim nessa época), resolvi não assistir muito à televisão porque sempre imaginei que aquelas pessoas já ganharam a vida e não posso ficar no sofá assistindo à televisão, pois o que eu queria era estar no lugar delas, no sentido de que

existem dois tipos básicos de pessoas: os que constroem a própria história e os que assistem à história dos outros. Eu sempre acreditei e lutei para fazer parte do primeiro tipo. Esse é o meu temperamento e a minha maneira de ver as coisas. Sou persistente e muito perseverante. A primeira coisa que eu tinha na cabeça em todos os cantos por onde passei na minha vida é não cometer o erro de negar minha própria origem, minha família, minha Don de L'Amitié, por causa das mazelas que enfrentei ao longo da minha trajetória. Nunca me deixei seduzir pelo atalho das falsas facilidades e nunca segui aquilo que os outros estavam escolhendo ou fazendo. O fato de seguir meu coração me deixa muito feliz e ao mesmo tempo seguro durante a minha caminhada.

Recebi muitos não no caminho. A vontade de desistir veio nas muitas vezes em que chorei, pois sou humano como você. Mas, no Haiti, meu caro leitor (no Brasil também, você vai ver adiante), eu aprendi na prática o significado da

palavra *resiliência*: aprender, perseverar e prosseguir. E, conforme o tempo passou, comecei a entender que boa parte das coisas que podia alcançar dependia muito da minha energia, do ânimo com que eu fazia as coisas. Acreditando nisso, eu me mantive disposto a seguir sem desistir.

Muito provavelmente, se você é brasileiro e está lendo este livro, tem o hábito – ou a obrigação – de acordar cedo, para trabalhar, estudar ou algo assim, não é mesmo? Se sim, você vai entender perfeitamente o que eu passei na infância e adolescência: para vender o que colhemos e conseguir dinheiro para pagar a escola, tínhamos que acordar às duas da madrugada, carregar um cesto com feijão, milho, banana, inhame, o que tivesse, colocar no lombo do burro e ir até um vilarejo chamado Camperin, muito distante (mais ou menos 8 horas de viagem!).

No Haiti, o sobrenome costuma vir na frente, “Alerte, Jac-ssone” em vez de “Jac-ssone

Alerte”. Na escola, isso significa que o meu nome era um dos primeiros na chamada e eu não podia chegar atrasado. Dormia tarde e acordava cedo. Não tinha jeito. Não podia escolher entre trabalhar e estudar, tinha que fazer as duas coisas. Esse esforço não nos abatia tanto quanto os meses em que faltavam até as coisas mínimas. Às vezes, a gente não conseguia o dinheiro da mensalidade e tinha que se esconder embaixo dos bancos na escola. Apenas crianças, querendo estudar, mas sem condições. Cansei de ser importunado por outros colegas por causa dessas situações – talvez, hoje isso seria considerado *bullying*, mas a gente não tinha nem professor direito, quanto mais orientadora educacional, psicólogo... Esquece isso.

Em certas ocasiões, por não haver o que comer, a única saída era colocar sal embaixo da língua e beber água, para enganar o estômago. Sempre me emociono quando recordo... Lembro de ter ido fazer as provas do fim do curso com tanta fome que quase desmaiei sobre a folha. Na

saída, passei perto de um pé de manga e enchi a mochila. Era a minha refeição. Acontece que eu tinha sempre a fé, a esperança de que aquele sacrifício um dia valeria a pena, porque todo mundo falava para mim: “ele sabe falar muito bem”, “sabe medir suas palavras em todos os momentos”, “é um grande orador e tem muito carisma”. Essas situações me ensinaram desde cedo que tudo na vida tem um preço. E, não adianta, você precisa pagar. Na verdade, seja você quem for e tenha você o que tiver, um preço foi pago por isso, ou por você ou por outras pessoas (seus pais, por exemplo)... Mas as melhores conquistas vêm quando você mesmo paga o preço necessário. Meus pais trabalharam pelos filhos e nos ensinaram o valor da educação. Apesar disso, nada na minha vida foi fácil. Ninguém pagou o preço por mim, no sentido de que eu precisei tomar decisões importantes desde criança. Ninguém sabia, mas eu estava lendo os melhores livros, jornais e revistas do país (que conseguia emprestado, na

maioria das vezes), eu escutava estações de rádio sobre notícias, informação, cultura, ideias. O meu repertório foi aumentando, me dando base sobre diversos assuntos, que eu usava para conversar com diferentes pessoas, nos mais variados meios sociais. A surpresa (positiva) de algumas pessoas ao me ver instruído, mesmo vindo de família tão humilde, criava – e ainda hoje cria – grandes oportunidades para cursos, trabalhos, projetos, parcerias... Eu usava o que lia e ouvia como combustível para manter meu ânimo diante da vida. E aprendia, com esses pequenos truques, muito mais do que a escola ensinava.

Mas sempre chega a época das férias e a gente pode descansar um pouco, certo? Bom, no nosso caso, o período de férias era quando a gente mais trabalhava na roça, para garantir a volta para a escola no período seguinte. Meu pai sempre foi muito rígido, por observar a vida com base na sua própria realidade: como sempre fomos pobres, se a gente não desse duro para

estudar, aquela realidade nunca mudaria. Então, eu e meus irmãos só tínhamos algum lazer em raros momentos livres. Na maior parte do tempo, fazíamos o que todo mundo fazia: ajudar a família a trabalhar em busca do que a terra dava, famílias inteiras juntas em regime de *mutirão* (que no Haiti chamamos de *corvéé*). Devo dizer que papai era mesmo um herói, por conseguir sustentar e educar 11 filhos somente com o que ele recebia em troca do que plantava. Sempre falava que, quando ele morresse, a educação era o maior bem que deixaria, nada mais, porque havia (ainda há) na minha cidade muitas terras, mas são terras que não têm muito valor comercial, pois a região é pobre, esquecida pelo Poder Público. Ele insistia para não sermos iguais a ele, que nunca teve muito estudo, pois, se só trabalhássemos na roça, sem estudar, acabaríamos ficando reféns de *mutirantes* (outros cultivadores locais, que contratariam nossos serviços, por pouco dinheiro). Ter seus filhos bem educados era,

então, o único orgulho que papai poderia ter em meio a uma realidade tão crua. Ele sempre acreditou na educação como a maior riqueza do ser humano e, graças a Deus, recebi isso como herança. É, de fato, um visionário, que faz muito tendo quase nada nas mãos. Vivia dizendo, como quem profetizava: “Um dia vou ver vocês se tornarem juízes, padres, médicos, engenheiros, economistas...”. Com o tempo, compreendi que aquelas palavras nos alimentaram, nos fortaleceram a chegar muito mais longe do que as expectativas de todos para a nossa família. Meu pai sempre dizia que a educação é a chave para um futuro melhor e que ela era o melhor meio para nos tirar da roça e nos levar a posições de respeito na sociedade. Guardei aquilo no meu coração, levei a sério, acreditei. Enquanto os outros brincavam e dormiam, ele nos ensinava a ser pró-ativos, a vencer a preguiça, pois não haveria um “plano B”: precisávamos “dar certo”. Quem for esperto vai procurar aprender mais sempre, ou então vai

ficar vivendo aquela mesma vidinha até a morte. Era o que a gente aprendia com ele. E tinha que ser levado a sério. É claro que ele e minha mãe gostariam de ver mais ações do governo em prol do nosso povo, mas nem por isso viviam resmungando pelos cantos, perdendo tempo em tolices. Viviam, sim, para nos educar e manter ocupados e instruídos. E hoje sou muito grato por isso.

Meu pai não sabia ler, nem escrever, mas acreditava que “a maior ciência é a experiência”. Passava para nós as melhores experiências que podia e eu tentava aprender com ele as lições que os livros não ensinavam. Quem sabe ele seria considerado por alguns amigos como um “braço de ferro”, por causa do caráter sério, a personalidade rígida e comedida. Eram frequentes diálogos como estes:

- Pai, por que a gente tem que trabalhar hoje?
- Porque sim, meu filho. Não pense que alguém vai tirar você da miséria, não! Se você não fizer

um esforço, a vida não vai te dar nada de presente.

Outras lições do senhor Ernest Alerete incluíam: “Você deve trabalhar duro para ser o melhor em qualquer coisa e valorizar o nome da família cada vez mais” ou “o nosso orgulho é sempre ter bom comportamento para cuidar do nome da família Alerete”. O maior sonho dos meus pais, em especial, da minha mãe, era ver a construção de moradias populares e escolas para as crianças do bairro de Don de L’amitié. Afinal, os pais dessas crianças ajudaram os meus pais a trabalhar com a terra, para termos condições de estudar. É um povo forte, unido, que luta diariamente por uma vida mais digna. Ajudar meu povo nada mais é do que retribuir, devolver um pouco do que aprendi esses anos todos, para que eles possam fazer algo por si mesmos e pelos outros também. E toda contribuição para esse povo é não somente bem-vinda, como também necessária, urgente. Não se subestime: adquirir e ler este livro é um gesto

bastante simples para você, mas vai significar muitos sorrisos e abraços no bairro que está sendo reconstruído na minha terra natal.

Lá não tem água direito (Ainda! Em pleno século XXI!). Como eu disse antes, os moradores precisam percorrer quilômetros para buscar água com baldes e latas, que levam na cabeça, situação que infelizmente é igual em algumas porções do Nordeste brasileiro. O esgoto fica a céu aberto, descartado a certa distância da residência, sem tratamento, podendo poluir o solo e fazer proliferar parasitas transmissores das mais diversas doenças. A luz vem das velas e lampiões a gás e outros instrumentos simples que usamos para iluminar as casas. Quando a noite vem, as pessoas queimam lenha para iluminar e aquecer. Não há áreas de lazer destinadas à prática de esportes, como também não há em muitas áreas do interior e comunidades carentes do Brasil. As crianças se reúnem para *jouer au futebol*, jogar um futebol (a famosa “pelada” para os brasileiros) no chão

de terra batida, com uma laranja fazendo as vezes da bola, ou então uma meia cheia de papel. Lembro que meu pai, ao ver cenas como essa, ficava muito sentido em seu coração por não poder nos presentear com uma bola de verdade... Nas escolas, a mesma estrutura simples de lona, sustentada por bambus até hoje. A igreja era a única estrutura de alvenaria que tinha por lá, um pouco mais forte que as casas e que a escola, mas, depois que um forte furacão passou, ela foi destruída completamente.

2. UM POUCO SOBRE MINHA FORMAÇÃO NO HAITI

Minha família é predominantemente católica, mas respeito a religião das pessoas, não importa qual seja. Na verdade, sinto-me à vontade quando sou convidado a templos, igrejas e vou sem nenhum problema, pois acredito que ter fé é algo que nos direciona a bons caminhos e os ensinamentos da bíblia

ajudam a trazer paz e sentido de vida. Por ser bastante extrovertido e gostar de falar em público, costumava ler as passagens da bíblia nas missas, hábito que ainda pratico de vez em quando.

Iniciei meus estudos na cidade onde nasci, em uma pequena escola. Lá, davam aula o senhor Louis Neyi e a senhora Marie Claine. Eles só tinham o Ensino Fundamental, mas, já que a necessidade de professores era grande e não havia outros mais qualificados, eles eram os nossos mestres. Aprendemos a ler com um livro muito simples, chamado Ti Malis. A estrutura da escola também era bastante simplória: bambus serviam de pilares e a cobertura era feita com lona. Quando chovia todo mundo tinha que sair, porque as goteiras molhavam tudo. Isso quando não chovia com ventos fortes trazendo a água pelos lados e molhava mais ainda. Os materiais eram os mais básicos: quadro simples e giz. Estudávamos à luz de velas e de lampiões a querosene. Faltava o

elementar (água encanada, energia, rede de esgoto) – e hoje, passadas algumas décadas, o lugar ainda precisa dessas coisas mínimas.

Quando eu tinha 8 anos, fui morar com minha madrinha, Heureuse Synal, e viajei com ela para outro distrito, chamado Les Cayes. Foi ela quem me criou, me deu o mínimo de educação e instrução que eu precisava para ser alguém na vida. Passei a infância tendo como bons aliados os livros e gostava bastante de conversar com outras pessoas, mas às vezes me proibiam de conversar com elas, talvez por medo de que eu me tornasse muito precoce, falando sobre assuntos “que não eram para criança...”. Minha madrinha era bastante rígida e exigia muito de mim em relação aos estudos. Às vezes ela deixava outras pessoas tomarem conta de mim, pessoas que me batiam de deixar marcas (até hoje tenho algumas delas). Apesar disso, se você me perguntar: “Jac-ssone, você sente raiva, mágoa dessas pessoas?”, minha resposta será: “não”. Digo isso porque, ainda que tenha sofrido

bastante nessa época, hoje em dia, quando faço contato com quem cuidou de mim no passado, sinto que a rigidez poderia até ter sido menor, mas serviu para me educar a querer sempre o melhor para mim e para o meu povo, a nunca desistir de sonhos e ideais. Por outro lado, também me levou a acreditar que a melhor educação é por meio de bons exemplos e não por meio da violência. Não podemos responder violência com violência, para não fortalecer esse espírito, para não alimentar esse círculo vicioso. Na verdade, quero impactar a vida dessas e de outras pessoas que fazem parte da minha história, com algo grande, inspirador. Este livro é a base para novos e maiores projetos no futuro. Obrigado por fazer parte disso. Vamos em frente.

Quando cheguei ao Ensino Médio, passei os primeiros momentos da adolescência sozinho, já que minha madrinha era comerciante de roupas e tinha que viajar muito. Pela dificuldade que as pessoas tinham de localizar o bairro de

Don de L'amitié, sempre fui rotulado no Ensino Médio como um cara “da roça”, “Gerald da Roça”. Dona Heureuse (minha madrinha) havia adotado uma menina, chamada Matricia. Confesso que não ia muito com a cara dela, porque eu gostava muito de estudar e ela não parecia estar nem aí para os estudos. Matricia era daquele tipo que nunca estava bem consigo mesma e acabava criando conflitos entre nós. Em várias ocasiões, ela sugeria que eu havia roubado coisas da casa. A empregada, acreditando em suas mentiras, vivia me dizendo palavras duras e injustas: “Você é um ladrãozinho! Vai acabar sendo preso um dia!” (Isso é coisa que se diga a uma criança?). Na presença da minha madrinha, elas (Matricia e a empregada) me tratavam como a um príncipe. Em sua ausência, eu passava todo tipo de calúnia e humilhação.

Olho para trás e sinto compaixão dessas pessoas, mas, naquele tempo eu era muito novo para entender. No fundo, eu acho que aquilo era

uma espécie de estratégia para me desanimar. Não funcionava. Eu sempre procurava responder a isso com um bom desempenho nos estudos e acreditando sempre no meu potencial para ir adiante, crendo que, um dia, eu poderia fazer a diferença naquele lugar. Tocar pessoas e fazê-las sorrir por meio de ações simples, com base nas experiências que acumulei, é o grande legado que posso deixar na vida delas. É o meu desígnio, o meu propósito. Tenho em mãos uma arma poderosa, que é a educação, e quero usá-la para tocar vidas positivamente, como falarei mais adiante.

De algum modo, essas experiências ajudaram a forjar o meu caráter, no sentido de que tenho hoje uma resiliência muito grande, ou seja, desenvolvi uma capacidade de resistir, persistir e me adaptar às situações que a vida nos impõe. Além disso, aprendi que uma resposta branda pode combater a ira, apaziguar a situação. E eu não tinha escolha mesmo, senão ser forte, porque, quando a gente nasce

pobre, em um ambiente cheio de desigualdades, ou desiste ou luta contra a correnteza e cria oportunidades a partir da escassez. Eu sabia que não podia desistir, porque precisava estar aqui hoje, contando a minha história e inspirando pessoas sábias como você.

Sou fascinado pela educação porque ela tem feito uma diferença tremenda na minha vida e entendi desde cedo que, quando se educa o homem, se liberta o homem. É uma forma de sair da escuridão. Quando sabemos ler e escrever, podemos ser qualquer pessoa, podemos fazer qualquer coisa, pois a educação é um bom caminho para transformar a história e o caráter do ser humano. Talvez ela não seja a solução de todos os nossos problemas, mas toda boa solução precisa passar necessariamente por ela. Dizia Immanuel Kant que “o homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”. Nesse sentido, recebi a melhor das heranças que meus pais poderiam me dar: uma boa educação. Com ela, posso construir e reconstruir muitos

sonhos e possibilidades. Sem ela, ainda que eu tivesse muitas riquezas, poderia por tudo a perder.

Procurei ler a história de pessoas que alcançaram grandes realizações e, ao ler essas histórias, comecei a enxergar as conexões e pude perceber que a pessoa que mais pode fazer por você e é responsável pelas coisas que acontecem é você mesmo. O que precisamos é tomar a decisão de empregar o máximo da nossa energia para fazer acontecer. Tem sido muito esclarecedor para mim entender isso. Traz um senso de autocontrole, disciplina e força para superar as humilhações e desafios da vida. Os nãoos que ouvi e a pobreza à minha volta não me desanimaram, porque eu sabia claramente que aquela situação era temporária. Comecei a entender que os obstáculos são normais e inevitáveis, mas tudo aquilo poderia ser transformado no futuro. E é para essa transformação que direcionei minhas forças até aqui.

Ao meu ver, a educação consiste não apenas em produzir conhecimento, mas compartilhar e praticar o conhecimento produzido, tornando-o útil à sociedade. Quando uma população é desinformada, ela se torna vulnerável. Por isso é tão difícil falar sobre (e praticar) a educação e a cultura em países como o Haiti e o Brasil. Parece que a classe política no poder não pretende emancipar, esclarecer o povo, mas aprisioná-lo nas trevas da ignorância, para que eles possam se perpetuar à frente das riquezas de um país, que deveriam servir ao povo, mas servem a seus interesses particulares. Diante disso, não podemos perder a esperança, mas, sim, nos unir, em prol de soluções possíveis – como a que apresento mais à frente – para uma sociedade mais participativa.

3. PORTO PRÍNCIPE E UMA OPORTUNIDADE

Exatamente um dia depois de concluir o Ensino Médio, fui para a casa de um tio meu, que fica na capital do Haiti, Porto Príncipe. As principais universidades do país estão

concentradas na capital, por isso fiz lá o vestibular. É um lugar muito agitado e populoso, onde muitos e muitos candidatos do país inteiro disputam poucas vagas. Na primeira tentativa, estudei muito e prestei vestibular para tudo o que aparecia na minha frente: Medicina, Sociologia, Odontologia, Engenharia, Ciências Econômicas, Direito. Eu só queria passar e ter uma oportunidade de estudar.

O problema é que eram cerca de 25 vagas disputadas por praticamente o Haiti inteiro. Aí entram as mesmas desigualdades vividas por estudantes brasileiros de famílias pobres: nosso ponto de partida para aproveitar uma oportunidade é muito inferior ao de outros estudantes com melhores condições de moradia, estrutura familiar, apoio pedagógico etc. Eu ia concorrer com alunos que estavam se preparando há anos em escolas bem melhores. Sem contar o nepotismo forte dos dirigentes políticos haitianos nessas faculdades, o que

dificulta ainda mais o ingresso das camadas mais populares.

Essa fase foi bastante difícil na minha vida porque passei meses me alimentando do que era mais barato na época: ovos e aipim. Hoje, em algumas regiões do Brasil (no Rio de Janeiro, por exemplo), passam carros vendendo 30 ovos a 10 reais, não é mesmo? Fico pensando que falta fez um carro desses quando eu estive em Porto Príncipe... Todos os dias eu ia à Biblioteca Nacional do Haiti, na capital, onde eu estava, e estudava horas seguidas. O cafezinho de cortesia ajudava a despertar e, às vezes, era a única coisa que eu consumia a tarde inteira. Nessa época, eu dava aulas de inglês em uma escola primária da capital, para ganhar uma grana extra (quero dizer, não era “extra”, era a única que eu tinha). Eu dava umas 6 horas de aula por semana para ganhar o equivalente a R\$ 32,00! Boa parte dessa mixaria que eu ganhava, eu usava para pagar a assinatura do jornal “Le Nouvelliste” (algo como “O Jornal”, em

português), um dos maiores e mais antigos jornais do Haiti. Meu apetite voraz pela leitura e pelo conhecimento me fez enxergar o mundo por diversos ângulos e foi fundamental e determinante para gerar um espírito empreendedor em mim nessa fase da minha vida.

A competição desigual me levou a seguidos fracassos, após várias tentativas de ser aprovado nos disputados vestibulares. Um ano depois, participei de um concurso para estudar Medicina em Cuba. “Não é tão longe do Haiti, e dizem que a medicina em Cuba tem tradição e qualidade”, pensei. Finalmente eu daria um grande passo após tantos anos de trabalho e dificuldades. Não, isso não aconteceu. Infelizmente, descobri que, em algumas situações e lugares, o nepotismo fala mais alto do que a inteligência e o esforço pessoal. Depois de obter os resultados que me dariam direito a ter uma bolsa integral para o curso de Medicina, fui passado para trás pelos dirigentes, que

alegaram que o concurso não deveria acontecer sem o “consentimento” deles. É assim: quando ocorre algum concurso para estudar fora, os dirigentes (deputados, senadores, ministros e outras pessoas influentes) têm a tendência de indicar alguém conhecido. Ao descobrirem que eu havia passado para estudar em Cuba sem ser indicado por “alguém importante”, meu direito de estudar fora foi “misteriosamente” revogado, sendo eu obrigado a refazer o concurso só se tivesse com o “consentimento” deles...

Eu poderia chorar e desistir, voltando para Don de L’amitié com cara de coitadinho, depois pegar a enxada e voltar a trabalhar na roça de novo com uma desculpa pronta: “Eu tentei, mãe. Eu tentei, pai, mas não consegui”. Outra opção era reavaliar o percurso e seguir em frente. O que você acha que eu fiz? Isso mesmo, aprendi com essa experiência e segui em frente. Minha perspicácia me fez enxergar além e definir uma estratégia simples: aprofundar-me no aprendizado do inglês e fazer uma carta

padronizada, pedindo bolsa de estudo em todas as embaixadas no Haiti. Eu tinha um senso de propósito muito grande e, onde há um senso de propósito, há muitos caminhos possíveis para a realização dele. Desde cedo, aprendi com as minhas dificuldades a importância de ter perseverança, insistir e terminar o que já comecei, a ter coragem. Sempre gostei de desafios e sempre tentei superar as minhas expectativas.

Terminada a primeira versão da carta, visitei várias embaixadas e procurei conversar com todos os funcionários, no intuito de saber as possíveis datas e as condições para participar dos programas de bolsa de estudo para o exterior. Depois disso, elaborei a versão da carta em três idiomas (francês, inglês, espanhol – sozinho, pesquisando muito), para distribuir e esperar o retorno das embaixadas. Tive um bom resultado com a estratégia, porque fui chamado para ir estudar na França, mas os custos eram altos demais e acabei não podendo ir. No final

de 2007, recebi a ligação da Embaixada do Brasil para participar de um concurso chamado PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação¹) e fiquei tão maravilhado que quase morri atropelado ao atravessar uma rua! Fiz todo o processo e passei para estudar Odontologia, mas com o grande desejo de fazer Engenharia Civil. A notícia encheu minha família de esperanças, apesar de eles não terem dinheiro para pagar a passagem de avião. Novamente, eu poderia ter desistido e dito: “Não é para mim, não tenho nem dinheiro para a passagem de avião”, como muitos fariam. Mas não! Eu já tinha chegado tão longe, por que não ir adiante?

O próximo passo foi fazer mais uma carta, pedindo ajuda a certos dirigentes no país. Fiz o melhor que pude, contei minha história, “bati na porta”, para ver se ela abria, mas não. O resultado, a resposta que eu esperava não veio. Onde eu estava errando? O que mais eu poderia

¹ Você pode saber mais no link: <http://portal.mec.gov.br/pec-g>.

fazer? Pensando muito nisso, a gente sempre descobre que não esgotou todas as possibilidades. Quando algo não dá certo na vida, nosso primeiro pensamento nos direciona a desistir e nos acomodar com o que já temos. Contudo, se a gente pensar direito, vai ver que ainda não tentou tudo, que ainda há muita coisa a fazer em busca dos nossos sonhos. Se não for assim, a vida nos vence com facilidade. E, se procurarmos, sempre tem alguém com quem podemos contar. Pode ser um familiar, um amigo, um professor, um vizinho, não sei. Minha família tentou me ajudar como pôde. Meu pai chegou até a vender muitos terrenos na roça, para poder juntar dinheiro e conseguir pagar minha passagem.

Com muito esforço, consegui o dinheiro para viajar, em cima da hora, mas não pude comemorar ainda. No dia da viagem, descobri que não poderia embarcar, porque na reserva estava prevista uma escala no Panamá antes de embarcar em outro voo para o Rio. O que isso

tem a ver? Tem a ver que, segundo a legislação panamenha, mesmo para fazer uma simples escala no país, eu teria que ter um visto. Eu não tinha. Então, se eu pisasse lá, estaria cometendo um crime e poderia ser preso. Por causa disso, acabei não viajando no dia e tive que fazer outra reserva, o que aumentou em 10% o valor da minha passagem aérea. Havia poucas vagas para os próximos voos, mas, depois de insistir muitas vezes, consegui um lugar em um voo direto, já perto do fim do prazo. Alguém poderia dizer que foi sorte. Não acredito nisso. Foi propósito. Continue lendo e você vai entender o porquê.

4. CHEGUEI AO BRASIL. E AGORA?

Você viajaria sozinho, sem conhecer ninguém, com uma mala gigantesca, sem falar o idioma do país e tendo como referência apenas o nome da Universidade onde vai estudar? Pois foi exatamente isso que eu fiz, vindo para o Brasil, para estudar Odontologia na Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eu vim atrás do meu sonho.

Eu tinha em mãos uma carta de apresentação da Embaixada do Brasil no Haiti e deveria apresentá-la na Reitoria da UFRJ, identificando-me como estudante do PEC-G (recapitulando, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação). Lembro muito bem de ter chegado num domingo, dia 09 de março de 2008, no aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro. De lá, peguei um táxi para a Ilha do Fundão (onde fica o principal *campus* da UFRJ), sem saber exatamente aonde estava indo. Cheguei na área pertencente à UFRJ e vi prédios, faculdades, centros de estudo. Uma ilha minúscula, mas que parecia enorme para mim. Eu não tinha um ponto de referência, não conhecia ninguém, não sabia onde ia dormir aquela noite e, pior, não falava uma só palavra em português. Quero dizer, só sabia o que eu tinha aprendido no aeroporto: “bom dia” e “boa tarde”. Na prática, eu falava “bom dia” o dia

inteiro (manhã ou tarde), porque era o que eu tinha gravado melhor. O taxista deu a volta na Cidade Universitária comigo, procurando a Reitoria da UFRJ, como se ele estivesse mais perdido do que eu. Ou ele não conhecia mesmo o lugar ou olhou pra mim e pensou em um barulhinho de caixa registradora: “vou ganhar um dinheiro fácil”. Chegando à Reitoria, descobrimos que não havia ninguém lá. O taxista até se esforçou para falar comigo, mas ele não falava francês nem inglês e eu não falava português. A barreira linguística era clara (mais um obstáculo que eu precisaria superar em breve...).

Aí ele teve a brilhante ideia (plin-plin R\$...) de percorrer a ilha toda, até achar um prédio que nenhum de nós dois conhecia. Era o Alojamento Estudantil, um lugar na ponta da Ilha do Fundão, com centenas de quartos onde os estudantes da UFRJ (não todos, apenas os selecionados em um processo seletivo) dormem e vivem durante o período em que estudam na

universidade. Na frente do prédio, avistamos duas meninas sentadas, num banco do pátio. Elas nos informaram que ali era o alojamento e foi assim que eu enxerguei uma oportunidade. Meu primeiro contato foi com um tal de “Baixinho”, uma figura muito popular por lá. Novamente, o fato de eu ainda não saber o idioma me atrapalhou muito e eu não consegui entender o Baixinho e nem ele me entendia. Depois ele me apresentou aos seguranças. Como ninguém me entendia e eu não conhecia ninguém ali, ficou combinado que eu dormiria no chão do quartinho deles e esperaria até segunda-feira de manhã. Foi então que eu conheci, no dia seguinte, um brasileiro que me agregou (me deixou morar no quarto dele) por dois dias, antes de encontrar um cara que se tornaria um grande amigo, o Fernando Lúcio (todos os chamavam de Lúcio), na época estudante da Faculdade de Letras da UFRJ.

Foi Lúcio quem me agregou por mais um ano em seu quarto no alojamento, o que foi

fundamental para essa minha primeira fase no Brasil. Eu não tinha muito a oferecer e ele, que também era pobre, tinha algo de que eu precisava muito naquele momento: um lugar para dormir. Tentei estabelecer confiança e achar uma forma de me comunicar. Já que ele não falava muito bem o francês, começamos a nos comunicar em inglês. E essa foi a primeira estratégia do tipo “ganha-ganha” que coloquei em prática no Brasil. Combinamos que eu o ajudaria a praticar o inglês (e, eventualmente, algumas palavras em francês) e, em troca, ele me ajudaria a aprender português. E melhor: eu teria um lugar para morar, pelo menos por algum tempo, até acertar as coisas. Algum tempo após isso, descobri que havia pessoas do Brasil inteiro e do mundo morando no alojamento. Lá tinha café da manhã e lanche da tarde, computadores com acesso à internet, uma pequena biblioteca, eventos diversos e muitas pessoas com pensamentos distintos. O almoço era servido no restaurante universitário a

apenas 2 reais! E tinha até um futebolzinho entre os estudantes, com direito a gramado e bola de verdade! Apesar de alguns defeitos do lugar, aquele era o ambiente perfeito para eu crescer mais.

Sinceramente, não acredito que isso tenha sido sorte. Quero dizer, eu vim movido por um sonho, um propósito. Batalhei por isso, dei duro, perseverei, tive fé, criei oportunidades e não me deixei vencer pelas palavras contrárias que recebi, por pessoas que começaram essa caminhada comigo e desistiram (uma colega do Haiti chegou a vir ao Brasil um pouco depois de mim, mas acabou desistindo e voltando), não me abati pelas dificuldades. Mais do que isso: sempre soube que meu sonho envolveria a realização de outros sonhos. Ele inclui outras pessoas, famílias inteiras. Isso porque eu creio que todas as coisas cooperam para o nosso bem, se a gente teme a Deus e quer ver a felicidade de outras pessoas.

5. SONHOS PODEM SER RECONSTRUÍDOS

Pense bem: se você pode construir algo, também pode reconstruir algo. Não importa que um sonho tenha desmoronado, como um castelo feito na areia da praia. O que conta mesmo é o desejo profundo, a vontade inabalável de deixar um bom legado, uma herança para as gerações seguintes. Isso não tem a ver necessariamente com dinheiro, mas sim fazer algo que valha a pena. E, se vale a pena fazer alguma coisa, vale a pena fazer isso bem feito, não importa o esforço a ser empregado ou quantas vezes você terá de refazer. O foco é o resultado final. Mesmo assim, precisamos aprender com perdas e grandes dificuldades, porque, não importa o que a gente é capaz de fazer, essas coisas às vezes são simplesmente maiores que nós.

Você deve estar se perguntando por que eu comecei a falar sobre perdas de repente. Eu vou contar, seja forte: Era uma manhã do dia 12 de janeiro de 2010. Mais um dia normal no Alojamento da UFRJ. O amigo Lúcio faria

aniversário no dia seguinte e eu sairia um pouco para comer um tradicional churrasco caseiro do Brasil. Sem mais nem menos, recebo a notícia de que um terremoto de grandes proporções atingiu em cheio o meu país. Um turbilhão de ideias começou a passar pela minha cabeça em uma velocidade perturbadora. Medo, culpa, tristeza, vários sentimentos confusos mexeram comigo e foi inevitável não pensar no pior. Notícias se multiplicaram nos canais de televisão brasileiros. As pessoas começavam a comentar umas com as outras, enquanto eu assistia a tudo chocado e fortemente abalado com o tamanho da destruição: casas e escolas destruídas, familiares em pânico nos hospitais lotados, sobreviventes em sangue e lágrimas, sem entender nada, crianças chorando no colo de desconhecidos. Eu só pensava nos meus pais, nos meus irmãos, enquanto o mundo desabava à minha volta. Sem conseguir me comunicar com eles e vendo fotos chocantes circulando pela internet, minha dor aumentava

cada vez mais. Os haitianos que eram contabilizados como vítimas passavam diante dos meus olhos como se fossem irmãos que eu havia deixado para trás. Após alguns dias, recebi uma mensagem de um amigo, explicando o ocorrido de forma detalhada e que minha família estava bem. Ele contou que as proporções da catástrofe foram aumentadas pela mídia sensacionalista (como sempre...). Isso me tranquilizou um pouco, mas o sofrimento de ver o meu povo passando por uma situação dessa foi terrível. O terremoto alcançou um grau 7,0 de magnitude na escala Richter e causou danos a Porto Príncipe e a diversas regiões. Outros tremores e tsunamis foram registrados dias após o terremoto. Milhares de pessoas perderam a vida – inclusive militares e diplomatas do Brasil e de outras nações –, outras perderam o lar e as esperanças.

Essa tragédia deixou marcas profundas, que vão demorar anos até cicatrizar. Reconstruir a vida e as estruturas necessárias para uma

vida saudável e segura não é fácil, mas a esperança não pode morrer. Na verdade, ela se fortalece na união que surge nesses momentos. Brasil, Portugal e boa parte do mundo reagiram. Toneladas de alimentos, roupas e remédios foram enviados. Médicos e organizações se mobilizaram. Eu me sentia como se estivesse nu, perdido, como se meu corpo estivesse no Brasil, mas minha alma no Haiti. Eu queria estar lá, ajudar nas buscas, abraçar amigos que perderam tudo, mas precisava me reerguer e continuar. Foi aí que se renovou em mim aquele vigor de estudante engajado. Eu precisava me envolver, me comprometer, me dedicar a uma carreira que pudesse de algum modo me dar uma capacidade grande de transformar a vida de milhares de pessoas.

Larguei a Odontologia, apesar do meu bom desempenho no curso. Eu já havia cursado quase dois anos, mas decidi concorrer a algumas bolsas disponíveis para estudar Engenharia Civil. Agora eu tinha uma motivação

maior ainda: reconstruir, com o que eu poderia aprender na Engenharia Civil, aquilo que a natureza derrubou. É algo muito grande, mas não impossível de ser feito. Sozinho eu jamais conseguiria, portanto eu precisaria contar com a ajuda de inúmeras pessoas, mas essa preocupação poderia ficar para depois. Um passo de cada vez. No fundo, como já comentei na primeira parte do livro, eu sempre quis estudar Engenharia Civil. Agora, estavam diante de mim a oportunidade e o motivo para eu perseguir esse objetivo com todas as minhas forças.

6. ADEUS, MARIE...

As últimas forças que eu tinha, por um momento se foram, quando eu soube da morte da minha mãe, Marie Celiane Alexis. Ninguém espera passar por essa experiência triste, apesar de todos saberem que ela é inevitável. Eu estava começando a realizar um sonho dos meus pais, especialmente o de minha mãe: ajudar os

moradores de Don de L'Amitié a ter uma vida mais digna. É um sonho simples. Mamãe era uma mulher simples e tinha um coração enorme. Cuidava de nós com uma sensibilidade muito aguçada e não deixava de nos corrigir quando necessário. Era uma mulher forte, nunca desistia das coisas e sempre nos incentivava a ir mais longe. Ao mesmo tempo em que cuidava dos filhos, pensava em como ajudar outras famílias da região. Mas a vida lhe reservou uma luta que acabaria por levá-la precocemente, deixando muitas saudades. Ela tinha diabetes. Essa enfermidade silenciosa e triste (tão comum no Haiti como é no Brasil) pegou minha mãe de surpresa e tirou boa parte do seu vigor, mas não de sua esperança, que ela guardou até o último dia de vida.

Era um dia estressante de junho, precisamente 14 de junho de 2016. Eu fazia um estágio na época e havia conversado longamente com potenciais parceiros para projetos e negócios (tentando criar oportunidades, como

sempre). Já sabia que minha mãe estava doente e havia piorado. Alguns dias antes ela tinha me perguntado: “Jac, querido, como está indo seu projeto?”. Ela se preocupava, queria participar de algum modo, queria ver o sorriso novamente no rosto dos familiares e amigos. Ela era a minha inspiração em meio a tanto trabalho. O estresse do estágio se misturou com uma sensação esquisita, uma que só quem já perdeu um ente querido já experimentou. No retorno para casa, por volta de 7 ou 8 horas da noite, na Gávea, Rio de Janeiro, senti uma dor ainda mais forte e inexplicável na alma. Era um dos meus irmãos ao telefone, dizendo que mamãe não estava mais entre nós: “Perdemos a batalha”. A voz suave e triste de meu irmão ficou como que ecoando na minha cabeça por um longo tempo. Não consegui falar muito, não comi nada. Chorei como nunca na minha vida e vivi o luto de uma perda que poderia me desanimar em relação a muitas coisas. Logo agora? Depois de tudo o que já aconteceu? A gente não entende... Eu fazia

perguntas como essas porque queria que minha mãe visse o resultado do meu trabalho. Queria que ela sentisse orgulho de mim, como todo filho quer. Eu não sabia ainda que precisava ser forte e superar essa perda me dedicando mais do que antes.

Eu perdi a minha mãe no último ano da faculdade, ou seja, em meados de 2016, e isso repercutiu na minha vida de modo muito impactante. Eu já tinha feito amigos no Brasil, tinha professores muito presentes, incentivando, mas estava longe da família e não podia viajar para visitá-la, nem contar as novidades e o andamento do projeto que leva o nome dela, “Vila Marie”. Para você entender como eu me sentia, basta imaginar-se em outro país (no Haiti, por exemplo). De repente, você recebe a notícia de que alguém muito querido veio a falecer. A tristeza é inevitável. Você quer estar perto, segurar a mão, mas não pode, porque precisa ficar onde está e concluir o que

começou. O que você está sentindo só de imaginar foi o mesmo que eu senti de verdade.

Mesmo sabendo que poderia atrasar alguns projetos, pedi afastamento para poder viajar e estar com ela naquele último momento. Era a minha mãe, ora! As pessoas são mais importantes do que as coisas. Uma guerreira partiu, mas a maior homenagem que posso prestar a ela é dar vida, materializar as ideias dela, que se resumem em ver os moradores de Don de L´Amitié terem o mínimo para viver com dignidade (moradias, espaços de lazer, escolas). Minha mãe sempre dizia que as pessoas humildes são heróis desconhecidos, esquecidos pelos gestores do país, pela mídia escrita e falada. Ela estava certa. Quantas pessoas, aqui no Brasil e em outros países, superam dificuldades muito maiores que as nossas e, no entanto, morrem no anonimato, sem que sua história seja contada?

Conseguí comprar a passagem, fui ao Haiti e voltei em pouco tempo. Tive que aprender a

vencer o sofrimento e a saudade. Eu tinha responsabilidades com o projeto e com o estágio obrigatório em uma empresa *startup* de inovação e tecnologia. Por mais que a perda da minha mãe tenha sido algo muito triste na minha vida, eu sabia que não podia abandonar minhas responsabilidades. Tinha muitos motivos para não parar e, na verdade, levei as coisas mais a sério porque me sentia desafiado em realizar o sonho dela, então não desisti porque não podia sofrer duas vezes: perder minha mãe e abandonar o projeto que realizaria o sonho dela.

Cerca de dois meses depois, o desafio tornou-se mais sério e pessoal. Minha comunidade, Don de L’Amitié, foi violentamente destruída com a passagem do furacão Matthew, em 4 de outubro de 2016. Quando digo que o desafio aumentou é porque nossa comunidade é historicamente negligenciada pelo Poder Público. Em outras palavras, pouco foi feito pelas autoridades após o ocorrido. Se você fosse lá hoje, ainda veria as mesmas famílias que

perderam tudo tentando reconstruir a própria vida, com pouca ou nenhuma ajuda do governo. Diante disso, a vontade que eu tinha era de estar perto da minha família. Se eu fizesse isso, mataria a saudade por algum tempo, mas, e depois? Logo viria um sentimento de frustração e impotência: voltar sozinho a um lugar destruído, o lugar onde eu nasci, sem a formação e os recursos necessários para reconstruí-lo. Não! Seria tolice! Eu precisava pensar adiante, em como ajudar efetivamente o meu povo. Daí para frente, reconstruir Don de L'Amitié passou a ser meu principal objetivo. Para isso, muitas etapas ainda precisavam ser vividas e superadas...

PRESENTE
No Brasil, novos desafios

7. TEMPOS DIFÍCEIS EXIGEM DECISÕES FIRMES

Depois dos difíceis episódios que contei sobre o terremoto, o falecimento de mamãe e o furacão, comecei a pensar o seguinte: “Não sou nem presidente do Haiti e muito menos prefeito, mas acredito que as minhas colaborações em harmonia com as ações dos haitianos podem trazer bons resultados, principalmente se for um modelo de planejamento forte e se tiver impactos sociais significativos”.

Basicamente, tomei a decisão de usar três estratégias que considero as mais importantes e ousadas da minha vida. Deixe-me falar um pouco sobre cada uma delas. Bom, primeiramente eu precisava ter um ponto de partida concreto para a reconstrução do bairro onde nasci. Concentrado nisso, a primeira estratégia adotada foi me articular com líderes locais de Don de L’Amitié e com o meu pai, para adquirirmos um terreno, na forma de uma doação feita por meu próprio pai, para

implementação de um projeto-piloto no bairro de Don de L’Amitié. Esse projeto consiste na construção de uma comunidade chamada Vila Marie Celiane Alexis, em homenagem a minha saudosa mãe, que sonhava em ver algo assim sendo feito. Não é fácil, mas é possível, com a ajuda de outras pessoas. Tudo precisa ser feito de modo planejado e organizado. Por exemplo, as famílias mais vulneráveis na localidade, que não conseguiram se reerguer adequadamente depois dos desastres, precisam ter prioridade para receber os benefícios do projeto: um novo lar, simples, mas uma moradia digna, sabe? Não é isso o que todo mundo quer? Um lugar decente para viver com a família? É isso mesmo que quero dar ao meu querido povo de Don de L’Amitié. Quero trazer essa alegria a pessoas que não podem contar com outra ajuda, que estão sobrevivendo como podem, sozinhos. A boa notícia é que esse sonho já está aos poucos se tornando realidade, graças a pessoas como você,

que adquiriram este livro e, com isso, colaboraram com o projeto Vila Marie.

“Mas, Jac-ssone, como será possível construir casas populares no Haiti com o pequeno investimento que estou fazendo no livro?”. A resposta é simples: você não é a única pessoa a acreditar na minha história, nos meus sonhos e planos. Outras pessoas e instituições estão se solidarizando e se unindo em prol dos moradores lá no meu pequeno bairro.

Agora me diga: se você tivesse perdido tudo em um terremoto ou furacão e muita gente quisesse te ajudar a reconstruir sua casa, você não arregaçaria as mangas e colocaria a mão na massa? Tenho certeza que sim! Os haitianos estão ansiosos pela ajuda e querem se qualificar para isso, para ter a satisfação e o orgulho de serem úteis na reconstrução do lugar onde vão morar. Vai ser trabalhoso, mas é perfeitamente possível. Como? Utilizando o regime de mutirão, com o qual eles já estão acostumados, porque usam na agricultura (lembra?). Quando

reunirmos grupos de moradores em regime de mutirão e dermos treinamentos simples, de curta duração e fácil entendimento, eles estarão aptos a fazer juntos o que o governo nunca fez por eles. Usaremos na (re)construção das casas uma tecnologia que permita construções de baixo custo, após realizados estudos sobre a região e os materiais disponíveis e, sendo viável, poderemos utilizar, entre tantas outras disponíveis, a tecnologia do tijolo ecológico, o chamado “tijolo solo-cimento”. Como o nome já diz, ele é composto por uma mistura de solo e cimento. Nesse caso, poderíamos usar o solo do próprio local para fazer os tijolos ecológicos.

E isso tem a ver com a segunda estratégia que adotei: mobilizar haitianos que moram aqui no Brasil. A partir daí, comecei a me aprofundar mais sobre o tema da reconstrução pós-desastre, o que, posteriormente acabou sendo o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Comecei a buscar mais informações sobre a metodologia desenvolvida pelo Projeto de Extensão

Solução Habitacional Simples e faço parte da equipe que executa a ação de extensão nos grupos de trabalho desse projeto:

- Materiais (que estuda em maior detalhe a tecnologia de tijolos de solo-cimento, incluindo ensaios de caracterização do solo, dosagem, ensaios de resistência dos blocos e alvenaria).
- Mutirão (que busca estudar e aprimorar técnicas e métodos de gerenciamento de mutirões habitacionais).

Meu interesse é adaptar o material para a implementação no Haiti. Esse projeto, com sua estrutura e funcionamento, foi idealizado e está sendo coordenado pelo Professor Leandro Torres Di Gregorio, da Escola Politécnica da UFRJ. Trata-se de um desdobramento da primeira fase do projeto, que ocorreu de 2009 a 2012. Nela foram desenvolvidos projetos e ferramentas para construção de casas, escolas e postos de saúde em situações pós-desastre e pós-conflito, com tijolos solo-cimento, administração de mutirões

e de obra. A fase atual visa traduzir o material produzido em uma linguagem mais acessível à população e gravar videoaulas, aprimorando os projetos e ferramentas pensados anteriormente.

O Professor Leandro e sua equipe vêm sendo grandes aliados para a viabilização do projeto de reconstrução do bairro onde nasci e sou muito grato por isso. Conversando com o professor, consegui reunir cerca de 30 haitianos, que serão capacitados por ele e a equipe do Projeto de Extensão SHS em 2018 (previsão para julho/agosto). Se você não sabe o que é um projeto de extensão, basta entender que toda universidade pública faz basicamente três coisas: dar aulas, desenvolver a ciência e levar iniciativas da comunidade acadêmica para as comunidades que vivem fora do ambiente universitário. A primeira coisa é chamada de Ensino, a segunda de Pesquisa e a terceira de Extensão. E é desta última que está vindo o pontapé inicial para realizar os sonhos que eu e meus pais sempre tivemos para Don de L’Amitié.

8. A FUNDAÇÃO DA JELL ENGENHARIA

A terceira decisão firme que tomei nesse contexto foi empreender. Fundamos (eu e mais 3 amigos brasileiros) uma empresa de impacto social no ramo de construção civil, utilizando nossos conhecimentos de engenharia e as parcerias que eu tinha feito até então: a JELL Engenharia (J= Jac-ssone Alerte, E= Eric Mendes, L= Luiz Filipe Hermes Calvi e L= Luiz Henrique Barboza).

Meu maior desafio no início foi o de convencer a minha família a respeito da ideia. Eles esperavam que eu arrumasse um emprego “tradicional”, que eu fosse trabalhar nas empresas por aí, suprimindo demandas imediatistas, em vez de me focar e montar um negócio social que seja capaz de mudar a vida das pessoas mais humildes em meu país. É compreensível. Era a minha família se preocupando comigo, com meu bem-estar. Na verdade, não eram apenas eles. Ninguém enxergava uma perspectiva econômica muito

rentável no negócio, mas a ideia era de ajudar pessoas e poder realizar meu próprio sonho também. Pouco a pouco a família começou a me incentivar, como sempre. Montar um negócio e ter o apoio da família é muito bom, pois podemos chegar em casa, falar sobre o andamento das coisas e dizer se estamos chateados ou satisfeitos, podemos reclamar ou comemorar juntos. Para mim, tudo isso é fundamental. Com o passar do tempo, fui convencendo a minha família de que o caminho que eu havia escolhido era o certo, mas que não existiam fórmulas mágicas para prever os resultados.

Fundamos a JELL sem capital inicial, apenas com um *know-how* (conhecimento sobre como fazer algo) da técnica solo-cimento e das técnicas de mutirão como o potencial do negócio. Era também um modo de amadurecer e adquirir experiências no Brasil para replicar no Haiti. Com uma estratégia de fazer obras de reforma aqui e ali, conseguimos permear o

mercado e adquirimos uma máquina semi-hidráulica de tijolos, essencial para montar a nossa fábrica logo no início. Foi uma grande alegria, porque tínhamos começado do zero. Mas uma das coisas sobre as quais me questiono com frequência é sobre o meio corporativo. Muitas vezes esse ambiente nos desumaniza e nos torna cegos por causa dos lucros. Penso nisso, claro, mas procuro sempre humanizar as minhas ações e, ao mesmo tempo, promover um ambiente humanizado, onde eu e meus sócios e funcionários possamos exercer nossas habilidades e desenvolver nossas capacidades cognitivas.

Ainda estávamos no final do curso de Engenharia Civil, mas queríamos dar visibilidade e credibilidade aos projetos que desenvolvíamos, para estruturar os impactos de forma organizada e consistente. Nesse momento, aceitei o fato de que eu não era tão inteligente quanto pensava, porque ter uma empresa vai além de gerar uma boa ideia. Quero dizer, com

isso, que eu precisava me renovar, aprender mais e não ficar achando que “já sei o bastante, porque cheguei até aqui”. Conforme o tempo passa, a vida exige novas habilidades e, se você não se esforçar em adquiri-las, vai ser derrotado. O que eu havia aprendido até então era importante, mas me faltava muito ainda sobre habilidades técnicas, relações humanas, fora o domínio de uma série de conceitos e novidades para alavancar o negócio. Ser empreendedor é “empreender a dor” e resolver problemas um após o outro. É duro entender isso, mas quando a gente consegue, a sensação de saber que está resolvendo problemas e que está sempre à frente é muito boa. Empreender vale muito a pena, encoraje-se! É preciso sonhar muito para alcançar grandes resultados, tendo o pé no chão ao mesmo tempo. Aprendi nessa luta algo que posso ensinar aos engenheiros em formação e a todos os que queiram aprender: para a sua ideia ser realmente boa, ela tem que ser uma solução que melhore muito as soluções

já existentes, a um custo menor. Calma! Não quero dizer com isso que você tem que reinventar a roda ou achar que ninguém poderia fazer melhor que você. Não! Não estou me referindo a uma inovação vertical (tecnologia disruptiva, de inovação radical), mas sim a uma inovação horizontal (uma tecnologia que melhore a existente). É esta última que começamos a utilizar com a JELL Engenharia.

9. A RESPONSABILIDADE SOCIAL DE UM ENGENHEIRO

Com o passar do tempo, fui compreendendo que o meu real desejo não era ter uma empresa, mas gerar um impacto social e deixar um legado para as futuras gerações. A premissa da fundação da JELL é essa e os seus dois pilares básicos são o regime de mutirão e a utilização do tijolo ecológico nas novas construções. A empresa busca fazer parcerias para fortalecer as chances de sucesso no mercado, em vez de tentar ganhar a guerra

sozinha. É uma forma de se manter competitiva e trazer mais pessoas para cada batalha, somar para multiplicar o que já conquistamos.

Todo engenheiro precisa desenvolver uma visão sistêmica do mundo, ou seja: reconhecer que, como agente de transformação social, ele faz parte de um todo, que envolve outras pessoas. Nesse sentido, o engenheiro precisa desenvolver competências científicas e tecnológicas, com gestão adequada e ética, procurando sempre harmonizá-las em prol da geração de bem-estar e melhoria na comunidade atendida. Não adianta ter talento, ser inteligente, esforçado, responsável, ser eficiente e eficaz se a engenharia empregada não muda, efetivamente, a realidade na qual o engenheiro atua.

Ao tomar consciência da necessidade de conciliar sua habilidade técnica (a de executar uma atividade específica) com a habilidade humana (a de desenvolver o relacionamento humano pró-ativo), esse profissional

desenvolverá a habilidade conceitual, a qual está diretamente associada à coordenação e integração de todas as atividades, atitudes e interesses da comunidade contemplada pelos serviços. Seja qual for a especialidade da engenharia, o seu profissional deve estar envolvido e comprometido com o presente e com o futuro da comunidade e/ou organização atendida. Por isso, o engenheiro deve apresentar um perfil que tenha base em uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, e ser capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas. O profissional de engenharia precisa considerar aspectos políticos, sociais, ambientais e culturais relacionados ao projeto executado, tendo uma visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

Essas demandas representam sempre uma lacuna, um espaço que o engenheiro pode ajudar a preencher. No meu caso, identifiquei

muitas lacunas no bairro onde nasci e pretendo, com o Projeto Vila Marie Celiane Alexis, preencher duas das principais: desenvolver a agricultura sustentável e o reflorestamento do entorno e (re)construir moradias populares para as famílias mais necessitadas.

A primeira lacuna já começou a ser preenchida. Consegui mobilizar diversos grupos para iniciar um plano de reflorestamento do bairro de Don de L'Amitié. Capacitamos moradores que se interessaram sobre técnicas de plantio e colheita com sementes que produzem a curto prazo, conservação de plantas, arbustos e árvores. Tudo isso para saciar a fome dos que mais necessitam, melhorar o clima e atrair pássaros que auxiliem no processo de espalhar as sementes, gerando novas árvores, e para evitar a degradação do solo e fenômenos decorrentes do desmatamento, como a erosão. Eu pensei: “Vou fazer valer a pena”. Minha mãe não está mais comigo, mas posso concluir os planos que iniciei e cumprir a

promessa que fiz a ela, de não desistir até estar pronto.

10. SOBRE O PROJETO SOLUÇÃO HABITACIONAL SIMPLES (SHS)

Boa parte das ideias e planos que eu havia amadurecido até chegar ao Brasil começou a se concretizar quando me envolvi de perto com o já mencionado Projeto SHS. O Professor Leandro vem liderando uma grande e qualificada equipe multidisciplinar, composta por aproximadamente 100 pessoas, divididas em 14 grupos de trabalho, com as mais diversas formações: Engenharia, Arquitetura, Comunicação, Letras, entre outras, que está arregaçando as mangas para tornar realidade uma série de iniciativas de impacto social e desenvolvimento sustentável. Meu projeto de reconstrução do bairro de Don de L’Amitié, sob a forma de um novo conjunto de casas, a Vila Marie, encaixa-se nesse esforço coletivo. Essa parceria entre brasileiros e haitianos em torno

do SHS (lembre-se, “Solução Habitacional Simples) tem o objetivo de transferir tecnologia e *know-how* (o conhecimento teórico/prático sobre como se faz algo) para a construção (ou reconstrução) de moradias, sobretudo para atender comunidades que passaram por situações intempestivas (furacões, terremotos e outros fenômenos naturais com potencial destrutivo). Uma das metas iniciais é a capacitação de 20 a 30 haitianos no final de um curso oferecido no âmbito do SHS, para que esse conhecimento seja passado adiante nas comunidades locais haitianas, primeiramente a de Don de L’Amitié.

O curso ensina não apenas técnicas de administração de mutirões, gerenciamento de obras, mas também a tecnologia construtiva solo-cimento e a utilização de prensas manuais para fabricação dos blocos. Em outras palavras, a ideia é reunir as condições técnicas básicas sobre reconstrução, realocação de pessoas e recursos e aplicar a um cenário mais generalista

possível. Quer dizer, dar instrumentos, de modo simples e prático, para que comunidades simples, em situação crítica ou de vulnerabilidade, estejam aptas a retomar a vida, o trabalho, por meio da reconstrução do que perderam ou da prevenção de catástrofes em áreas com riscos de deslizamento, por exemplo, construindo-se moradias em zonas seguras.

Pense por um instante em um cenário pós-terremoto ou pós-furacão. Agora imagine como é difícil para as famílias que sobreviveram a isso reerguerem suas casas, sem recursos e sem ajuda do governo e de profissionais qualificados. Não seria interessante se os próprios moradores pudessem produzir, com o farto solo do local onde vivem, os tijolos que reconstruirão suas casas? Isso deverá ser possível em breve, graças à união mencionada entre profissionais de várias áreas do conhecimento e por famílias e estudantes brasileiros e haitianos. É o sonho de minha mãe começando a se tornar realidade.

O Projeto SHS possui três eixos principais: projetos, tecnologia e administração de mutirões. Com isso, espera-se reduzir custos e impactos em até 50%. Traduzindo: quando a população se engaja na cooperação com profissionais dispostos a trabalhar em conjunto, todos ganham, inclusive o meio ambiente. É a estratégia ganha-ganha de novo! Esse projeto vem trabalhando inicialmente com três modelos de moradia, para situações não sísmicas. Um embrião residencial ou protótipo de aproximadamente 25 metros quadrados. A partir dele, podem ser feitas expansões/ampliações horizontais ou verticais para acomodar mais membros da família em questão, por exemplo, ou para abrigar novas famílias. Além disso, há também módulos escolares e opções de postos de saúde que podem ser construídos para atender populações em situação vulnerável. Com base no que estou aprendendo no projeto SHS, meu objetivo é estudar a viabilidade de aplicar esses conhecimentos em regiões como a

de Don de L’Amitié, onde eu nasci, para ajudar os moradores de lá. Uma das formas de fazer isso poderia ser, por exemplo, utilizar mutirões para construir com tijolos solo-cimento, uma técnica que parece bastante promissora.

11. O QUE É O TIJOLO SOLO-CIMENTO?

Não sei se você lembra, mas no início do livro eu disse que na faculdade os colegas me conheciam como “o cara do tijolo”, “o cara com o tijolo na mão”. Isso foi porque eu vivia com um tijolo ecológico para lá e para cá na faculdade, sempre falando da ideia que eu tinha em mente. Na verdade, eu até segurei um na minha foto de formatura.

No caso de Don de L’Amitié, o projeto já foi estudado e desenvolvido e estamos verificando a viabilidade de construir casas populares utilizando o solo da região. Pretendo utilizar a tecnologia do tijolo solo-cimento, o que deverá ser confirmado após alguns estudos específicos quanto às condições dessa área geográfica. Se

você não está familiarizado com tijolos, construção, essas coisas, talvez ainda não tenha entendido o que é isso. Eu explico: o tijolo solo-cimento (ou tijolo ecológico) é, como o nome sugere, o produto obtido através da mistura de solo, cimento e água. Após serem misturados esses “ingredientes”, com uma quantidade apropriada de cada um, a mistura é colocada em uma espécie de prensa (como se fosse uma forma mecânica), onde se compacta essa mistura até sair um bloco na forma do tijolo, com dois buracos. Esse tijolo já compactado fica “descansando” (processo de “cura”) até que o solo, o cimento e a água usados deem a ele a firmeza necessária. Pronto! Em pouco tempo e gastando pouco dinheiro, produzimos um bloco simples, que servirá para construir a casa de uma família humilde.

Por que decidi usá-lo? Por uma série de bons motivos. Bom, em primeiro lugar, ele é produzido utilizando-se uma técnica bastante simples e poucas matérias-primas para obter

um produto de grande qualidade e durabilidade, fácil de usar. E mais: não há necessidade de queima. Isso mesmo, o tijolo solo-cimento não é cozido em nenhum forno ou algo do tipo. Por isso, sua produção não emite gases poluentes, nem resíduos para o solo ou rios. Outro motivo relevante é a economia. Em média, cerca de 40% dos custos de uma obra são referentes à mão de obra. Com o uso do tijolo ecológico, compondo-se mutirões e grupos de trabalho, os custos são reduzidos significativamente. Isso porque os buracos que esse tijolo possui permitem encaixar bloco por bloco com relativa facilidade e levantar paredes em tempo muito menor, com menor produção de resíduos e uso de materiais acessórios (como madeiras, aço e afins). Esses buracos serão depois aproveitados para conduzir fios e tubulações, para manter um isolamento térmico e acústico adequados, entre outras coisas. O acabamento é agradável e pode ser aplicada uma resina hidrofugante (que protege da chuva e evita infiltrações e mofo).

Mais ainda: o valor que o ser humano dá ao participar da construção da própria moradia é muito maior. É uma técnica que permite a inclusão social do morador afetado no ramo da construção civil, por exemplo. Uma vez capacitada para fazer o trabalho, a pessoa certamente ficará mais motivada a ajudar outras pessoas e terá condições de obter renda com o que aprendeu. Durante o período da faculdade, eu mesmo fiz uma pesquisa (falarei sobre ela no capítulo 14), com auxílio de vários colegas e professores, e verifiquei que 100% das famílias haitianas entrevistadas desejam participar do mutirão para reconstrução de suas casas. Em breve, isso será possível e você está sendo essencial. Seu braço, sua força, seu incentivo estarão lá presentes em cada tijolo fabricado no solo do Haiti. Você ajuda ao comprar o meu livro e ao incentivar que outras pessoas façam o mesmo.

12. MINHA VIDA ACADÊMICA NA ENGENHARIA E MINHAS ESTRATÉGIAS

Voltando à minha jornada, verdade seja dita: eu cheguei no Brasil com uma bolsa de estudos em Odontologia. Só que essa escolha foi apenas estratégica, porque era um curso menos concorrido que a Engenharia. Era a forma que tinha encontrado para aumentar as chances de ser selecionado. Com o tempo, fui percebendo que eu estava cada vez mais distante do meu sonho de virar engenheiro e foi só depois de quase 2 anos que eu consegui entrar na Escola Politécnica de Engenharia da UFRJ. E, como já comentei, o terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, no Haiti, também me deixou mais determinado em cursar Engenharia. Ora, uma das primeiras lições que aprendi na minha vida foi não desistir diante das dificuldades. Na maioria das vezes, eu sei como é, a gente pensa logo em jogar a toalha, chutar o balde e desistir de tudo. Mas a decisão de continuar, de tentar novamente até obter sucesso só depende (ou

depende principalmente) de nós, e as pessoas à nossa volta são importantes para nos ajudar e potencializar nossas escolhas, porque ninguém chega a algum lugar importante sozinho. Os desafios, as adversidades revelam e projetam quem somos e ajudam a nossa capacidade de ir um pouco além, trilhando nossos rumos e superando os obstáculos.

Entendi, durante a faculdade, que precisamos aceitar a dificuldade como uma oportunidade de crescimento, tendo a visão de que as adversidades enfrentadas trazem uma enorme possibilidade de crescimento. Enquanto escrevo estas palavras, penso nos meus colegas do curso de Engenharia. Fico triste em lembrar que alguns desistiram, mas minha alegria é renovada quando trago à memória todos os companheiros que hoje também são, com muito orgulho e esforço, engenheiros formados pela UFRJ. Talvez você seja um engenheiro já formado. Nesse caso, saiba que sinto-me honrado de fazer parte do seu “time”. Ou, quem

sabe, você é um engenheiro em formação, um aluno como eu fui até 2017 e sei que minha trajetória serve de incentivo para você. Não desista! Não desista de crescer sempre! Cálculo Diferencial e Integral, Cálculo Numérico, Mecânica dos Flúidos, Física, Física Experimental, Sistemas de Transportes... Sei que tudo isso é barra pesada, mas continue firme. Eu consegui. Você consegue. Continue acompanhando minha história e você vai se inspirar mais ainda.

Para mudar de curso, eu tinha que solicitar a autorização para a Embaixada do Haiti. Com a intenção de facilitar a mudança, mandei mais de 6 cartas em francês e inglês, sem sucesso, até que um dia encontrei com o embaixador num evento após o terremoto, em 2010, no Rio de Janeiro. Eu disse a ele:

– Eu sou o Jac-ssone, que mandou as cartas... Lembra?

Aí o cara vira pra mim e diz:

– Você é muito problemático.

E eu, sem pensar duas vezes, mandei de volta:

– O senhor é muito diplomático! Apenas uma ligação do senhor resolveria os meus problemas.

Ele arregalou os olhos, depois sorriu meio sem graça. Eu sorri para quebrar o gelo. No final, trocamos contatos e seguimos nossos caminhos. É... Nessas horas a gente vê que um pouco de ousadia e firmeza, com o devido respeito, também ajudam a abrir caminhos.

Meu propósito em estudar Engenharia foi além da simples formação acadêmica ou da obtenção de um título. Também não estava pensando no status social ou no dinheiro. Claro que desejo ser bem remunerado pelo meu trabalho, mas penso que isso não pode ser a motivação principal do que eu faço, se não serei infeliz de qualquer jeito, sendo engenheiro ou fazendo qualquer outra coisa. O que eu queria era uma maneira de garantir a montagem de um projeto de engenharia popular e solidária, para as pessoas mais necessitadas e que nunca

teriam condições de contratar o serviço de engenheiros ou arquitetos.

Quando fiz as disciplinas do curso de Engenharia, tentei manter o foco e procurei aprender o máximo possível a fim de encontrar a melhor, a mais simples e a mais inovadora solução para a minha comunidade. Para mudar da área de Ciências da Saúde para a de Ciências Exatas, eu tive que desenvolver habilidades que não tinha antes, tais como estudar em grupo e pedir ajuda toda hora. Após ingressar em Engenharia, foram essas atitudes que me ajudaram a me manter lá dentro, porque é muito difícil mesmo. É como uma luta do UFC. Você precisa se levantar rapidamente após cada golpe, cada reprovação, se não vai ficar na zona de conforto e os golpes seguintes vão te nocautear. É preciso um controle emocional muito grande. Se vacilar, você começa a achar que não é capaz e isso pode fazer você desistir. Isso é fácil de perceber quando vem a primeira reprovação. Seu caráter vai se revelando, aos

poucos, no modo como você consegue superar uma reprovação e dar a volta por cima. Como eu ressaltei, é difícil, é puxado, mas não é impossível, tanto é que eu e muitos outros que já reprovaram no início conseguiram ir até o fim. A carreira de engenheiro tem vantagens, mas as facilidades que contam por aí são pura mentira. Quer ver só? Quando entramos na faculdade, ouvimos boatos de que “as empresas procuram os estagiários” e “tem vagas sobrando, com salários ótimos...”. Até hoje não vi isso na prática. O que vi foram disciplinas com um alto grau de dificuldade, professores sérios e exigentes e oportunidades que se tornam claras somente após a formação.

Cheguei com uma tremenda desvantagem e com muitas limitações e adversidades óbvias, já nos primeiros períodos do curso. Você deve lembrar que eu não falava direito o português. Imagine como é tentar aprender Cálculo e Física ou, em Álgebra Linear, coisas do tipo Teorema Espectral e Ortogonalidade, Mínimos

Quadrados, entre outros palavrões, sem saber português direito! No primeiro período, aconteceu uma situação de outro mundo. O grau de dificuldade e as cobranças eram muito altos. As provas de Cálculo e Física eram unificadas para todas as engenharias. Eu estudava apenas pelos livros e sozinho. Resultado? Reprovei em Cálculo 1 e Física 1. Ainda acostumado com o ritmo e as disciplinas diferentes do Centro de Ciências da Saúde, o CCS (porque eu fazia Odontologia), eu não entendia quase nada na Engenharia. No CCS, eu era monitor de neuroanatomia (cabeça e pescoço). Na Escola Politécnica, eu estudava coisas que nunca tinha visto. As dificuldades de entender os enunciados em português me deixavam mais nervoso ainda.

Ao perder o controle emocional, quase desisti. Comecei a questionar a minha capacidade: “Por que eu abandonei o curso de Odontologia?”. Encontrei até razões para considerar a mudança um erro: “Em Odonto, eu

recebia duas bolsas em dinheiro, não reprovava tanto, parecia mais fácil (eu sei que nenhum curso de graduação é fácil, mas minha dificuldade em Engenharia estava sendo maior...). Aqui eu estou reprovando em quase todas as disciplinas e não ganho bolsa”. É isso que a gente faz quando duvida de si, quando perde a esperança, a fé. A gente começa a querer voltar atrás, quando tem é que ir adiante. Só pra você ter uma ideia, eis aqui as minhas notas do primeiro período em Engenharia. Observe que a sigla SF (Situação Final) foi Reprovado por Média (RM) em duas disciplinas. As notas finais estão na coluna “Grau”:

Nome:		Título de Eleitor		CPF		Data Nascimento			
JAC-SSONE ALERTE				06070052706		30/05/1984			
Pai:		Certificado Militar/Dispensa		Origem					
ERNEST ALERTE		Militar da Reserva		Haiti					
Mãe:		Identidade		Nacionalidade					
MARIE CELIANE ALEXIS		BR.299.487-4 passap/99		Estrangeiro					
Período	Código	Nome da Disciplina/RCC	CrR	CH	Grau	CrO	Pontos	SF	
2010/2	-----> <i>Transferencia de curso em 2010/2</i>								
	MAC118	Calculo Difer e Integral I	6.0	90.0	2.7	6.0	16.2	RM	CR
	MAB114	Computação I Ep	4.0	60.0	7.0	4.0	28.0	AP	CrO
	FIS111	Fisica Experimental I	1.0	30.0	7.9	1.0	7.9	AP	CH-
	FIT112	Fisica I - A	4.0	60.0	1.2	4.0	4.8	RM	SF-
	EEC200	Introducao a Eng Civil	2.0	30.0	8.5	2.0	17.0	AP	AP-
	IQG111	Quimica EE	4.0	60.0	6.2	4.0	24.8	AP	RF-
	Totais: no período			21.0	180.0		11.0	98.7	4.7
acumulado			81.0	1,275.0		63.0	469.1	5.9	RM-

Refleti e cheguei à conclusão: “Preciso parar de fazer a mesma coisa esperando resultados diferentes”. Eu estava estudando mal, sozinho, sem ajuda. Precisava mudar a estratégia. Fui conversar com o Professor Erickson Rocha, diretor da Escola Politécnica naquela época. Ele foi firme e direto:

“Eu tinha dificuldade também no início do meu curso de Engenharia Metalúrgica. Reprovar é normal, mas permanecer na reprovação é anormal. Até porque todo mundo pode reprovar uma vez, mas a sua personalidade começa na forma de superar isso. Os meus conselhos são: estudar antes de assistir as matérias para ter um entendimento dinâmico e sempre tirar suas dúvidas; sempre trocar ideias com os professores; mapear os alunos mais *nerds* em cada matéria, fazer amizade com eles e pegar resumos para fixar mais ainda os conceitos e não cair nas pegadinhas das questões; ir à monitoria de vez em quando e, antes das provas, procurar alguém perdido e que esteja precisando desesperadamente da matéria, para ensinar... Tudo isso vai fazer você entender melhor e ajudará a você a se tornar o melhor aluno de Engenharia, vai ver!”.

Agradei e apliquei essas dicas em todas as matérias. Eu gostava de ficar na sala de estudos, para identificar os alunos mais *nerds* e

me oferecer aos alunos, como um desesperado, para que eles me ensinassem. Resultado: eu sempre tinha os melhores resumos na véspera das provas! Muitos amigos me chamavam de “mestre”: “Mestre, já tem o resumo de tal matéria? Se não, arruma lá pra gente, na sua rede de contatos?”. Olha só! Era até engraçado às vezes. Eu não sabia nem como estudar direito no início, mas, por colocar em prática os conselhos de um experiente professor, acabei virando uma espécie de referência para outros alunos, pois eles sabiam que eu conseguia as coisas de algum jeito, fazendo contatos com as pessoas de modo inteligente e praticando ações do tipo ganha-ganha (eu ganho, você ganha, todo mundo ganha). E ainda consigo as coisas até hoje, com as mesmas estratégias simples e eficazes. Foi assim que cheguei tranquilo, sem maiores dores de cabeça, até o fim da graduação em Engenharia Civil.

Comecei a me dar bem com praticamente todos os professores. Eu procurava até ter o

Whats App deles, para tirar dúvidas rápidas em horários convenientes e/ou ir na sala deles. Quase no final da faculdade, desafiei minha inteligência e fui fazer o impossível de cursar o máximo de créditos permitidos no curso de engenharia: 12 matérias no mesmo período, para poder ter mais tempo no período seguinte e para estagiar com mais calma. Fiz a escolha e o preço foi muito doloroso, tanto que não pude mais me socializar por algum tempo, pois tinha que entregar trabalhos toda semana e ficava muitas noites sem dormir. O problema não era fazer muitas matérias, mas sim de fazer muitas provas e/ou entregar vários trabalhos no mesmo dia.

No fim desse período, de tão cansado que estava, lembro de ter chegado no banco e percebido que esqueci a minha senha. Eu andava falando sozinho e tudo, até no ônibus. As pessoas me olhavam sem entender nada, achando que eu era maluco. Eu estava era lembrando as teorias estudadas, cantando

baixinho as fórmulas e cálculos para memorizar, explicando física para alunos imaginários, simulando questões de provas... Eu sentia às vezes quase que um curto circuito na cabeça, pelo nível do esforço mental que eu estava realizando. Nessa época, acabei me separando de uma namorada por ter mandado uma mensagem por engano. Quer saber o que dizia a mensagem? Dizia que eu ia viajar com amigos para tirar o estresse dos estudos. Soa normal, justo, não? Até porque os amigos com quem eu ia viajar sabiam que eu tinha namorada e que eu precisava tirar um momento para relaxar um pouco, após tanto isolamento e dedicação. Na verdade, mandei a mensagem a um amigo, para avisar a ela e a coisa toda virou um mal entendido. Tentei consertar a situação, mas infelizmente não deu. Uma pena, pois eu sentia que a amava. Coisas de final de período no curso de Engenharia da UFRJ. Quando a dedicação a um objetivo alcança níveis como esse, pode ser que uma separação ou uma perda

não esperada nem desejada aconteça. Não sei o que o futuro me reserva a respeito disso, mas sei que será algo bom. Essa é uma história que ainda será vivida... Voltemos ao fim do período. Era sobre isso que eu estava falando.

Naquele conturbado fim de período, eu tinha que fazer 4 provas no mesmo dia (Aproveitamento de Recursos Hídricos, Estruturas de Aço, Mecânica dos Solos e Sistemas de Transportes I). Era tecnicamente impossível fazer uma prova atrás da outra, com um monte de teorias diferentes e intervalos de 10 a 15 minutos, no máximo. No fim, sobrevivi às quatro provas. Não escolhi fazer segunda chamada. Não gosto de fazer isso, porque passa uma imagem negativa do aluno (percebi isso conversando com vários professores a respeito do assunto) e acaba adiando algo que precisa ser feito logo. Vou te contar como estudei para essas provas: fiquei sozinho na sala de estudos do bloco D, no prédio do Centro de Tecnologia (CT) da UFRJ, com os resumos e dicas que eu

havia pegado. Estudei tanto e por tanto tempo, que já estava igual a um zumbi. Quando vi que já era meia-noite, resolvi continuar até o dia seguinte. Um segurança passou, por volta de 4 horas da madrugada e, ao me ver estudar, falou: – Ei, você não pode ficar nesse horário na sala de estudos não!

Ao que respondi assim:

– Sinto muito. Eu perdi o horário do ônibus que vai para o Shopping Nova América (21 horas), por causa dos estudos. O que eu faço agora? Aí ele me respondeu:

– Moço, o problema é seu. Meu trabalho é falar isso para você!

Como estava sem tempo para discutir, tentei cortar logo o assunto e continuei com a mente focada na aprovação nas 4 provas que eu faria naquela manhã, pensando onde eu iria estudar. Aí eu acho que ele olhou aquele monte de folhas e cadernos, livros e anotações, porque ele deu um sorriso sarcástico e disse:

– Ah, tá explicado! Você deve estar muito doidão aí com a engenharia. Boa prova, então!

Ele virou as costas e se foi. Enfim, meus esforços valeram a pena. E acredito que Deus respondeu aos meus sacrifícios, porque minhas notas foram muito melhores:

Nome Civil		JAC-SSONE ALERTE		Título de Eleitor		CPF		Data Nascimento	
						06070052706		30/05/1984	
Pai		ERNEST ALERTE		Certificado Militar/Dispensa		Origem			
				Militar da Reserva		Haiti			
Mãe		MARIE CELIANE ALEXIS		Identidade		Nacionalidade			
				BR.299.487-4 passap/99		Estrangeiro			
Período	Código	Nome da Disciplina/RCC	CrR	CH	Grau	CrO	Pontos	SF	
2015/2	EEH404	Aproveitamentos Rec Hidricos	4.0	60.0	6.8	4.0	27.2	AP	
	EEC525	Arquitetura I	4.0	75.0	8.4	4.0	33.6	AP	CR -
	EEA422	Concreto Armado III	2.0	45.0	7.1	2.0	14.2	AP	CR -
	EEC521	Engenharia Legal e Social	2.0	30.0	6.8	2.0	13.6	AP	CH - C
	EEA511	Estruturas de Aço I	3.0	60.0	7.8	3.0	23.4	AP	SF - S
	FIN241	Fisica Experimental IV	1.0	30.0	6.3	1.0	6.3	AP	
	EEC591	Gestao da Qualidade na C CIVIL	2.0	30.0	6.1	2.0	12.2	AP	AP - P
	EEC322	Mecânica dos Solos I - A.	4.0	90.0	8.2	4.0	32.8	AP	RF - R
	EEC012	Reabilitação Urbana	3.0	45.0	7.0	3.0	21.0	AP	RM - F
	EEH602	Resíduos Sólidos Urbanos	2.0	30.0	7.8	2.0	15.6	AP	
	EEC328	Sistemas Prediais II	3.0	45.0	6.3	3.0	18.9	AP	RFM -
	EER322	Sistemas de Transportes I	2.0	30.0	7.0	2.0	14.0	AP	NCC -
		Totais: no período		32.0	570.0	32.0	232.8		CR
		acumulado		286.0	4,605.0	231.0	1,717.6		CR - C

Daí por diante, o caminho estava quase completo. Segui aprendendo e continuei fazendo contatos com alunos, professores, empresários, escritores, repórteres, pessoas de todos os tipos e pensamentos. Até que um dia (finalmente!) consegui me formar em Engenharia Civil na UFRJ. Na cerimônia de formatura, dia 01 de novembro de 2017, estiveram presentes muitos amigos, professores e até três de meus irmãos, o Joubert Alerte, o Maken-Sone Alerte e o Roberson Alerte. Nessa noite, nem pude socializar direito, sair com amigos, comemorar a vitória, porque o evento terminou por volta de 22 horas e eu tinha que viajar na madrugada seguinte. Eu estava muito ansioso para negociar uma máquina semi-hidráulica de tijolos ecológicos, junto com os meus sócios da JELL. O preço era exclusivo e o equipamento estava sendo vendido por um conhecido nosso, então não poderíamos esperar muito.

Eu fui. A máquina era pesada e ainda não sabíamos manuseá-la direito. Lembro que, por

pouco, não perdi meu pé tentando carregar aquilo com mais duas pessoas para colocar em um carro. As veias quase explodindo de tanto fazer força, sem luvas nem nada, com aquele peso todo pressionando as mãos e os pés, todo mundo querendo soltar, mas com medo de quebrar algo tão caro e essencial para o nosso trabalho. Eram três jovens formando em Engenharia, iniciando a “vida fácil e cheia de dinheiro”, a qual muitos estudantes imaginam que temos...

13. FÉ E PROPÓSITO. VAMOS QUE VAMOS E VAMOS EM FRENTE!

Sabe, eu penso que a nossa intuição diz muito sobre a nossa vida e a minha conexão com Deus e fé naquilo que faço me tornam bem-sucedido nas coisas que realizo. Vejo muitos amigos extremamente inteligentes na Engenharia e que podem oferecer grandes contribuições ao país, mas as vezes a falta de iniciativa torna as suas qualidades invisíveis.

Creio que consegui na minha carreira dar bons saltos, não porque sou mais inteligente do que os outros, mas porque tive uma excelente conexão com Deus (por meio da fé). Fui chamado com essa vocação de ajudar ao próximo e sinto que Ele me deu o talento para realizar boas obras com muita energia, pois é o propósito da minha vida. É como diz um ditado “há dois dias muito importantes na nossa vida: o dia em que nascemos e o dia em que sabemos o porquê de termos nascido”. Acredito muito que nasci para realizar projetos de impacto social no âmbito da Engenharia e da Construção Civil. Para realizar o meu sonho de ajudar as pessoas, eu tive que abandonar muitas oportunidades incríveis. Uma delas foi a proposta feita por uma empresa que me ofereceu um emprego *full time* (tempo integral), com um salário excelente. Outra foi quando um conhecido me indicou a uma grande empresa de construção civil no Rio de Janeiro.

Mas o meu propósito sempre falou mais alto. Fiquei pensando por algum tempo em tudo o que tinha passado até aquele momento e pedi a Deus para me dar sabedoria e me fazer tomar a melhor decisão, porque o grande sonho que tenho é reconstruir a minha comunidade e poder ajudar outras pessoas. Nenhuma oferta poderia ser mais importante que essa prioridade. Foi então que enviei uma mensagem para uma grande amiga, que é advogada, pedindo que ela me ajudasse a decidir se eu deveria aceitar a proposta de trabalho ou seguir meu sonho. Infelizmente ela não estava disponível naquele momento para me ajudar. Escolhi não aceitar as propostas de trabalho e me dedicar ao projeto SHS e à minha empresa de impacto social.

Para mim, não é ter mais dinheiro que me torna realizado, mas sim o quanto me sinto capaz de transformar a vidas das pessoas através das minhas ações. Quero ser um exemplo para cada pessoa que cruza meu

caminho e devo trabalhar muito para isso. Compreender, fazer parte e ajudar as pessoas a realizar sonhos é uma forma de realizar meu sonho também. O que me faz levantar todos os dias e me move é a responsabilidade de um grande sonho compartilhado, em que cada pessoa é fundamental para que ele se torne real. Perceba que minha ideia começou simples: adquirir conhecimento. Depois ela foi se tornando maior: formar-me em Engenharia Civil. Então eu já não estava mais sozinho e outras pessoas começaram a entrar no jogo ao meu lado e formamos um grande time. O esforço inicial foi gigantesco, mas aos poucos temos conseguido fazer essa esperança crescer. Tal esperança é focada construção de habitações populares no Haiti, começando pela construção da Vila Marie. Nesse processo, superamos grandes desafios: a aquisição do terreno, o projeto de reflorestamento do bairro (ao redor do terreno), a autoestima da população que estava lá embaixo. Quando todos começaram a ver as

coisas acontecerem, a realização do sonho pareceu mais próxima. Haitianos começaram a perguntar. Brasileiros de diversas áreas quiseram saber mais da história, participar. Todo mundo começou a sonhar o mesmo sonho, trabalhando, colocando a mão na massa. Depois de sonhar é preciso ter energia todo dia para avançar mais um centímetro e dar vida ao sonho. Já estou fazendo isso há alguns anos e, agora, com sua ajuda, vou seguir em frente.

14. SOBRE O MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO E O PROJETO VILA MARIE

Todo jovem universitário deve se identificar com um propósito e fazer dessa missão o grande projeto da sua vida. Deve buscar entender os problemas ao seu redor e formular propostas inovadoras, para propor soluções às comunidades, empresas, governos e ir buscar conhecimento para fundamentá-las. Isso significa que nossa carreira profissional começa

antes de sairmos da faculdade. Precisamos ter isso em mente, em vez de esperar a tão sonhada formatura. No meio da faculdade, eu me foquei num problema real da minha comunidade e achei uma maneira simples e prática de dar uma resposta: juntar as pessoas de forma participativa e usar o solo do local para fabricar os tijolos ecológicos com o acompanhamento de uma assistência técnica. Essa ideia se fez presente em meus estudos no fim do curso e desenvolveu cada vez mais o meu potencial, o que me fez um conhecedor dos conceitos de *mutirão* e *solo-cimento*.

Para resolver um problema, é necessário entendê-lo antes. Eu estava estudando para me formar em Engenharia Civil na UFRJ e tinha um problema a resolver: ajudar os moradores de Don de L'Amitié. Principalmente depois do furacão Matthew, resolvi desenvolver meu

trabalho de conclusão de curso (TCC)² baseado nesse problema.

Fui buscar informações atualizadas a respeito do país, da economia, da geografia, da política, da habitação popular, tudo o que me ajudasse, direta ou indiretamente, a entender e resolver o problema. Eu fiz um estudo bibliográfico sobre a reconstrução do Haiti e mapeei quem estava construindo casas populares nas regiões afetadas por terremotos e furacões. Procurei ver onde as pessoas estavam acertando onde estavam errando e, a partir daí, elaborei um formulário com 51 perguntas, pensando na comunidade de Don de L'Amitié, para entender como elas pensam, do que elas precisam. Basicamente, o formulário foi aplicado a cerca de 30 famílias, com objetivo de fazer um diagnóstico da situação vivida por elas e saber se as os moradores estavam dispostos a participar do processo de (re)construção das

² Você pode acessar meu TCC no link: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10022201.pdf>. Nele, você pode ver gráficos, perfis, fotos e o questionário que usei.

casas em regime de mutirão (como já estão acostumadas na agricultura) e se elas aceitariam morar em uma vila de casas, porque a situação comum na região até hoje é ver pessoas morando em casas isoladas umas das outras. O resultado foi motivador: 100% das famílias entrevistadas afirmam querer participar do mutirão de (re)construção do bairro onde moram, ideia que está sendo consubstanciada no projeto executivo que chamei de Projeto Vila Marie (em homenagem à minha mãe), que desenvolvi para construção de moradias populares no Haiti. Isso nos dá uma dimensão da urgência que os próprios moradores têm de que algo de bom seja feito no lugar onde moram. É claro que podemos e vamos fazer novos estudos de vários tipos sobre as melhores soluções para a região do Haiti afetada pelo furacão Matthew. Apesar disso, o povo tem fome, tem sede, tem pressa. Eles precisam da minha ajuda, da sua ajuda e precisamos fazer a nossa parte. Você, leitor, fez a sua, quando

adquiriu este livro e quis ler a minha história. Juntos, podemos fazer mais: indicar esse livro a outras pessoas. A maior parte do lucro com as vendas vai para o Projeto Vila Marie. Também podemos firmar parcerias público-privadas, conseguir doações de empresas que queiram investir em projetos de impacto social, enviar voluntários para o Haiti, entre outras coisas. São esses desafios que me aguardam daqui para frente e estou fazendo minha parte para superá-los.

Como resultado, fui convidado para ministrar palestras nas associações de moradores, prefeituras, universidades, ONG's, vários concursos sobre inovação, propostas de trabalhos e a parceria com o já mencionado Projeto de Extensão SHS da UFRJ. O meu trabalho foi tema de grandes reportagens em mídias sociais e organizações renomadas, como, por exemplo, na ONU Brasil³, na Empresa Brasil

³ Link: <https://nacoesunidas.org/projeto-de-haitianos-e-brasileiros-auxilia-construcao-de-moradias-em-locais-vulneraveis-a-desastres/>. Acesso em 30 de março de 2018.

de Comunicação-EBC (Agência Brasil)⁴, no site do Planalto⁵ e no Jornal O Globo⁶, entre outros. Minha história foi também transformada neste livro que você está lendo agora, que é fruto do meu propósito. Ele surgiu de uma parceria entre mim e o amigo Fernando Lúcio (aquele que conheci quando cheguei ao Brasil), que hoje é professor universitário e editor. No segundo semestre de 2017, Lúcio me falou que estava montando uma pequena editora, o Grupo Oliveiras – Editorial & Consultoria, com sua esposa, Caroline Oliveira, e eu disse para ele que queria publicar um livro. Ele e sua esposa concordaram em doar a maior parte da arrecadação com o livro para a construção de

⁴ Link: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-01/pesquisador-haitiano-da-ufrj-leva-projeto-de-moradias-populares-ao>. Acesso em 30 de março de 2018.

⁵ Link: <http://www4.planalto.gov.br/ods/noticias/projeto-de-haitianos-e-brasileiros-auxilia-construcao-de-moradias-em-locais-vulneraveis-a-desastres>. Acesso em 30 de março de 2018.

⁶ Link: <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/Jac-ssone-alerte-engenheiro-haitiano-nao-precisamos-esperar-governo-22529337>. Acesso em 30 de março de 2018.

casas populares no Haiti. Também ajudou financeiramente na idealização do livro, dentre tantas pessoas, o meu irmão Joubert Alerte, que administra a Floricultura Haitianos, em Campo Grande, Rio de Janeiro. Agora a minha história e o projeto Village Marie estão começando a ser espalhados no Brasil e, em breve, no mundo.

Quando formulei o projeto, tentei pensar como um engenheiro consciente do seu papel: não estou aqui para apontar problemas sem apresentar possíveis soluções. Aprendi a cultivar a mentalidade “vi um erro ali e aqui e acho que podemos fazer assim e assim para solucioná-los”. Trabalhar com esse *mindset* (atitude mental, mentalidade) me fez descobrir novos territórios inexplorados da minha capacidade de fazer acontecer. A sabedoria popular diz que o conhecimento não ocupa lugar. É um ativo imaterial, um poderoso instrumento de criação de riqueza e bem-estar. É graças a ele que pessoas, organizações e governos acumulam o conhecimento, usam-no na tomada de decisões

e na solução de problemas, na inovação e no desenvolvimento. O conhecimento, nosso capital intelectual, precisa ser administrado convenientemente. Principalmente no mundo moderno, em que se tornou o recurso produtivo mais relevante. Nesse contexto, eu e meus colegas descobrimos que novos esforços e habilidades deveriam ser reinventados para superar os desafios.

Historicamente, Don de L’Amitié é um lugar que tem um espírito de trabalho em equipe muito forte. Na agricultura, por exemplo, os moradores trabalham na forma de mutirão. O grande problema é a falta de alternativas e um líder capaz de juntar a vontade deles para fazer grandes mudanças. Tendo isso em vista, a diretriz inicial do Vila Marie é simples e clara: juntar a comunidade e despertar o potencial de trabalho em equipe para reconstruir o bairro de Don de L’Amitié com os seus próprios recursos e esforços. Mas, como percalços, tínhamos grandes desafios em despertar toda uma

comunidade, que está cheia de problemas estruturais e arranjos sociais complicados desde a sua criação, como a escassez de alimentos, trabalhos, lazer, escolas e moradias. Depois de sofrer o maior desastre da sua história, o sofrimento duplicou e a luta diária passou a ser pelo mínimo, pela sobrevivência. Investindo tempo em contatar e selecionar voluntários, identificamos algumas pessoas envolvidas no projeto de reflorestamento iniciado em novembro de 2016 como “embaixadores” e facilitamos a compra de sementes para o cultivo de alimentos, visando uma coleta rápida que alivia problemas como a fome e, ao mesmo tempo, garante a esperança no meio de tantas incertezas.

Pense em como é difícil viver como o meu povo, em um país considerado extremamente vulnerável do ponto de vista dos desastres naturais, onde as regiões rurais são profundamente desprovidas de serviços básicos e historicamente negligenciadas pelo Poder Público. O lugar é sensível à ocorrência de

catástrofes porque a infraestrutura não é adequada para prevenir ou combater os estragos que a natureza pode causar. As casas têm baixa resistência e praticamente nenhuma utilização de materiais de construção adequados. A agricultura familiar/de subsistência é rapidamente destruída. A capacidade de resposta a desastres por famílias humildes é baixa, pois não há renda adequada, nem conhecimento compartilhado sobre isso e elas dependem exclusivamente de agricultura. Pessoas vivem em pontos isolados uma das outras, o que dificulta qualquer iniciativa de oferta de serviços básicos e troca de experiência.

Diante desse quadro, a proposta de construir comunidades mais resilientes (resistentes, participativas e colaborativas) e com mínimo de bem-estar, parece muito necessária, não é mesmo? Essas pessoas humildes podem se tornar criativas na hora de se envolverem, se comprometerem e se unirem para buscar soluções. E isso é muito melhor do

que entregar as coisas já prontas aos moradores. Queremos empoderar a comunidade e dar a ela condições de se reerguer com suas próprias forças. É disso que o Projeto Vila Marie trata. Feito isso, outras comunidades ficarão comprometidas com a causa e sua autoestima vai se fortalecer, para superar os momentos difíceis.

No início, quando fizemos o reflorestamento do entorno do bairro de Don de L’Amitié, em novembro de 2016, as pessoas não entenderam muito bem do que se tratava. As necessidades eram muitas e as pessoas queriam o básico antes de serem levadas a pensar no futuro, no meio ambiente. Ora, se você não tem onde morar nem o que comer direito, sua prioridade não é plantar árvores, é plantar algo para comer, construir uma moradia, um lar, ainda que você saiba que árvores são importantes, entende?

Mesmo assim, alguns moradores participaram ativamente. Usamos, então, a

estratégia de distribuir entre os participantes sementes que produzem a curto ou médio prazo, com coleta de 3 a 6 meses, para suprir uma demanda urgente, a fome, e focar na plantação das mudas. Juntos, realizamos um trabalho de educação ambiental, ensinando que as plantas nos protegem e que não devemos cortar elas e muito menos amarrar o gado e outros animais nelas, prática que é muito comum na localidade. Sem o envolvimento da comunidade na proposta, todo esse esforço seria em vão, e a mudança não aconteceria. Sabíamos que nem sempre as novas ideias são aceitas logo de primeira. Fizemos pesquisas, levantamentos e descobrimos que os moradores iriam se sentir desconfortáveis e reclamariam das mudanças, se fossem feitas sem consultá-los. Depois disso, ouvimos muitos deles desabafarem sobre os problemas enfrentados e sobre quais mudanças eles consideravam importantes. O diálogo foi se fortalecendo. Essa engenharia social foi necessária para estabelecer um relacionamento

sincero com os futuros moradores. A ideia seria construir uma vila que não desrespeitasse o espaço de cada família nem sua formação cultural e sentimento de pertencimento ao lugar. Todas essas informações foram fundamentais para contribuir de forma consistente, a fim de surpreender o morador positivamente.

O resultado esperado é que a Vila Marie seja um exemplo de superação de uma comunidade devastada, que se recuperou com um bom planejamento de médio/longo prazo e, por aceitar o seu sofrimento e querer dar a volta por cima, construiu algo significativo, mesmo diante dos obstáculos. Isso mostra que, quando há união e motivação das pessoas, necessitamos apenas de uma boa liderança, capaz de organizar esses desejos na forma de propostas viáveis e também econômica, social e ambientalmente justas. Não inventamos nada em Don de L´Amitié, nem a matéria-prima, muito menos o mutirão (já existente na agricultura). O que estamos fazendo é juntar o

pensamento e a força de vontade das pessoas em prol de uma causa comum.

Ao idealizar o projeto, eu tinha em mente os cidadãos das regiões mais pobres, a grande maioria vivendo em condições precárias, em barracas cercadas de telhas metálicas e cobertas com lonas (o que potencializa desastres...) sem comida, sem trabalho e, o pior de tudo, sem esperança. Isso me fez pensar no ditado coreano “três dias com fome e todo mundo se torna ladrão ou assaltante”. A pobreza e a ansiedade geram revolta e a revolta produz a violência, a qual, por sua vez, gera mais pobreza ainda. É um círculo vicioso que precisa ser interrompido. Por isso, a essência da proposta da Vila Marie é desenvolver um espaço digno para os moradores da comunidade terem uma qualidade de vida melhor e adquirirem sabedoria através da convivência mútua, despertando, dessa forma, a vontade de outras comunidades em replicar e multiplicar a ideia. O pilar do projeto é fazer com que os próprios moradores atuem como autores

no desenvolvimento. Para isso, pode-se facilitar aquisição de cimento, aço e areia gratuitos e contar com ajuda de algumas empresas (por meio da isenção de impostos, por exemplo) em colaboração com o governo. É uma forma de dizer às pessoas que é possível deixar a violência, o assalto, a pobreza, as áreas de risco e se juntar a esse projeto.

Os trabalhos sempre vão ser executados com canções motivacionais. Vamos trabalhar juntos, vamos resolver nossos problemas juntos, vamos viver melhor... A ideia é despertar o senso de trabalho em grupo para, dessa forma, resolver os problemas da comunidade. Hoje você constrói a minha casa, amanhã construímos a sua e assim sucessivamente. Isso é possível e não é tão caro como parece! Basta fazer tudo com planejamento, organização e esforço coletivo. É claro que, no início, poucas pessoas vão aderir a essa iniciativa, mas, com o tempo, a ideia irá amadurecer e será espalhada pelas comunidades.

A partir da construção dessa primeira vila de casas, o projeto poderá adquirir proporções maiores e contar com a participação de mais empresas e pessoas. Poderão ser criadas leis para facilitar a aquisição dos terrenos, a isenção fiscal, especificamente para moradias nesse regime de mutirão, criando até mesmo uma competição saudável entre comunidades. Funcionaria da seguinte maneira: a comunidade que se mobilizar mais e terminar primeiro a sua (re)construção (sempre acompanhada de um grupo de assistência técnica) poderá ganhar serviços a mais, como pavimentação da rua, construção de escolas, postos de saúde, bibliotecas, rede de água, esgoto, energia etc. Além de ser um projeto não paternalista (não dá pronto, ensina a fazer) é uma forma de trabalhar o espírito de competitividade entre as pessoas humildes ressaltando suas potencialidades, já que há poucos recursos, tanto do governo quanto deles. Por outro lado, sabemos também que tudo que é gratuito incentiva a ócio na

nossa geração, que sofre de uma síndrome que eu chamaria de “Lamaniste e Bondieubonniste⁷”.

Sem as bases e a equipe competente que vimos desenvolvendo, o projeto não daria certo. De fato, é por três principais motivos que muitos projetos costumam falhar: 1) não definir a real necessidade das pessoas; 2) não envolver as pessoas beneficiárias na elaboração das soluções dos problemas e 3) a cultura de distribuir tudo de graça. Por observar bem isso e não cair nessas armadilhas, a ideia do projeto Vila Marie quer fomentar um novo pensamento nas regiões rurais do Haiti, num contexto urgente de restauração, urbanização e humanização de áreas destruídas, a partir de esforços coletivos dos próprios moradores.

O plano de ação envolve objetivos como: transformar regiões abandonadas em vilas decentes; dar capacitação profissional e, ao mesmo tempo, educar a população,

⁷ Lamaniste e Bondieubonniste é uma expressão usada para se referir àquele que não faz nada, mas fica esperando que alguém chegue e resolva os seus problemas ou que aconteça um milagre.

principalmente as crianças; usar a terra como recurso para fabricar tijolos ecológicos; fomentar a geração de renda, por meio da cooperação comunitária; criar um espaço que funcione como uma pequena fábrica de tijolos ecológicos; construir residências mais resistentes, minimamente menos vulneráveis do que as existentes hoje, que permitam reduzir os danos após eventos como terremotos e furacões, de forma participativa. O conceito da Vila Marie visa a melhoria de vida das pessoas e uma busca por soluções constantes, através da competição entre comunidades, premiadas pelos gestores, a fim de diminuir os sofrimentos ocasionados pelos desastres ambientais.

FUTURO

**Uma história que não
termina por aqui...**

15. O QUE É O PROJETO VILA MARIE E QUAL É O SEU PRINCIPAL OBJETIVO?

Falei ao longo do livro sobre o Projeto Vila Marie Celiane Alexis⁸. Ele leva o nome de minha mãe e tem como principal meta a reconstrução da infraestrutura do bairro de Don de L’Amitié, localizado no distrito de Grand’Anse, no Haiti, bairro que teve grande parte da infraestrutura comprometida pelos abalos do Furacão Matthew, que assolou o país em outubro de 2016. A motivação desse projeto é que as populações vítimas de desastres possam se organizar em torno de uma proposta viável de reconstrução: o mutirão. Entendemos que uma casa não pode ser vista simplesmente como o levantar de quatro paredes, mas sim como a realização de um sonho unificador de uma comunidade, com muito suor – um tijolo após o outro.

As casas serão projetadas de acordo com as projeções do Painel Intergovernamental de

⁸ Veja a planta do Projeto Vila Marie Celiane Alexis no link: <http://imageshack.com/i/pnQMcuDmj>.

Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (IPCC-ONU) para a região, preparadas para a maior incidência de dias mais quentes e ondas de calor. O projeto conta também com um banco de dados de lições aprendidas sobre as técnicas empregadas, tais como o tijolo solo-cimento, a criação de um poço artesiano e o banheiro seco (baseado na eliminação do uso de água para descarga e na compostagem das fezes), além do regime de mutirão para construção de moradias após desastres naturais e/ou situações em que as pessoas se encontrem desabrigadas ou em áreas de risco.

Ademais, servirá como exemplo para as prefeituras, gestores, governos, comunidades e ONGs, uma alternativa para o planejamento e gerenciamento no âmbito das Habitações de Interesse Social (HIS). Por último, mas não menos importante, estamos desenvolvendo materiais – em vídeo e por escrito, futuramente traduzidos para vários idiomas – explicitando

minuciosamente o processo de produção do tijolo ecológico e de construção de casas. Eles serão utilizados como instrumentos de ensino para a população sobre como reconstruir suas próprias moradias, em caso de eventos climáticos que porventura afetem o bairro.

16. COMO EU VEJO O FUTURO DAS REGIÕES RURAIS NO HAITI APÓS O PROJETO?

Em primeiro lugar, creio que começamos a desenvolver uma visão de que boa parte dos nossos problemas não vai ser resolvida facilmente apenas pelos nossos governos, mas sim pela participação massiva de jovens líderes locais, intelectuais e até jovens universitários haitianos. É a união desses esforços que poderá realizar projetos sociais de grande impacto para suas comunidades. Quero ser uma inspiração para cada haitiano e, em particular, para aqueles que foram estudar fora do Haiti. Não devemos imaginar que o país vai se desenvolver sem a nossa participação, ou esperar uma boa

oportunidade de emprego sem criar condições de fomentar o empreendedorismo social. Devemos colocar nossos conhecimentos em prática e montar projetos para desenvolver o país, até porque onde há muitos problemas nas áreas da educação, habitação, saúde, transportes, haverá oportunidades de montar projetos de inovação e criar milhares de oportunidades de emprego. As mudanças devem começar *in loco* (aplicadas no local) e ir se expandindo. É assim que se faz propostas concretas e reais. Não adianta falar, criticar nas redes sociais e achar que as coisas vão mudar sem ações concretas em direção a um objetivo. Devemos colocar a mão na massa, arregaçar as mangas. Quando fizermos isso, as pessoas vão somar forças e conhecimentos, para nos ajudar a realizar sonhos. O resultado será visto por todos e diremos: “Olha o que podemos fazer juntos!”.

Por isso, devemos enxergar o empreendedorismo social no Haiti como uma ferramenta poderosa para resolver os problemas

sociais. E os jovens devem ser os protagonistas dessas iniciativas. Podemos até mapear as universidades, selecionar pessoas interessadas e envolvê-las no enfrentamento de problemas reais nas suas comunidades, dando-lhes condições necessárias para se manter e desenvolver projetos que eles possam abraçar e trabalhar para o desenvolvimento de sua localidade. Essa estratégia visa captar, comprometer e unir os jovens líderes a atrair, engajar e inspirar mais jovens a transformar a vida dos seus irmãos e irmãs. A mudança precisa ser local antes de ser nacional. Precisamos investir em novos modelos de comunidades rurais, para que possamos diminuir o nível da extrema pobreza e o sofrimento das pessoas, chamadas pejorativamente de “en dehors” (algo como “caipiras que moram em outro lugar”, como se estivessem fora do próprio Haiti e desprovidas de tudo). Diminuindo a pobreza, a miséria, as desigualdades sociais e os riscos sob os quais a

população vive em áreas insalubres, a violência também tenderá a diminuir. Precisamos levar a essas pessoas moradias mais resistentes, sustentáveis e fortalecer a agricultura comunitária sustentável, sempre supervisionando os trabalhos por meio do olhar de um grupo de assistência técnica competente. Todo o processo será devidamente monitorado: uma equipe experiente será mesclada a um grupo de moradores que receberão qualificação.

17. NOVAS MORADIAS E, POR QUE NÃO, NOVAS ESCOLAS?

Se nosso objetivo for alcançado e centenas de casas forem construídas, mas, nenhuma escola for erguida, meu trabalho (e o de todos os que me ajudaram) poderá ter sido em vão. Pense bem: passei minha infância em uma escola tão simplória que não tinha nem teto direito, muito menos materiais adequados e profissionais familiarizados com os temas sobre impacto social comentados neste livro. Claro que sou

grato a Deus por tudo o que aprendi lá, mas não seria bom se, juntamente com novas moradias, novas escolas fossem construídas na comunidade? Claro que sim. Quanto mais pessoas se juntarem a nós e quanto mais exemplares deste livro forem vendidos, mais ideias como essa poderão se tornar realidade.

Não podemos agir da mesma maneira como o ser humano agia há 200 anos, muito menos ensinar as crianças como se costumava ensinar há muitos anos. Temos problemas reais e elas precisam entender isso, precisam se engajar desde cedo nessa cultura, de tal maneira que possam crescer com o desejo de mudar e transformar suas comunidades, em vez de alimentar a ideia de deixar o país para conquistar outros. O modelo baseado em transmitir conhecimento sem despertar o senso crítico das pessoas não dará muito resultado, até porque o verdadeiro conhecimento é compartilhado e aplicado, caso contrário é

apenas informação, que só serve para o nosso ego.

Precisamos ensinar de uma maneira mais envolvente, garantindo, assim, que as nossas crianças não vão ficar reféns do sistema atual e alimentadas pela única esperança de deixar o país e/ou se tornarem verdadeiros pesos nas costas de nossos governantes. Essa mentalidade deve ser mudada, pois nos próximos anos surgirão empregos que nem existem ainda, e a nossa juventude não pode estar aprendendo da mesma maneira que se aprendia no passado. Digo e repito: talvez a solução não seja a educação, mas a solução precisa de alguma forma passar pela educação. Com ela, o cidadão vai entender melhor seu papel no desenvolvimento do país, seus deveres e seus direitos.

Os desdobramentos do projeto Vila Marie Celiane Alexis incluem ações voltadas para os esportes, a música, a pintura, a arte, entre outras atividades que fazem parte do Centro

Comunitário do projeto. Os recursos serão investidos na formação de um novo tipo de instrutor, que tenha paixão por ensinar, aprender o tempo todo, compartilhar suas experiências e focar nos problemas reais da comunidade, sempre procurando envolver os alunos na resolução deles.

Para isso, será necessário mostrar aos alunos a importância de tomar decisões, de resolver problemas, e de entender que o fato de errar às vezes é como um *feedback* (uma medida para levar em conta em uma nova tentativa) em vez de um fracasso irreversível (lembra do quanto eu errei nos primeiros períodos da faculdade, estudando sozinho e sem técnica?). Com essa nova educação para além da escola, os jovens haitianos entenderão que um sonho não vira realidade da noite para o dia. É preciso suor, humildade, determinação, perseverança, resiliência, persistência e trabalho duro. Nesse sentido, o Projeto Vila Marie busca trazer melhorias para as comunidades durante e após

a construção de moradias, com um ensino básico espelhado em ideias como essas que aqui defendo, sem comprometer o ensino atual.

Como sabemos, viver é realizar sonhos e a verdade é que nada cai de paraquedas. Quem sonha deve ter a coragem de sofrer e colocar a mão na massa e se retroalimentar todo dia, se quiser conquistar as coisas. E sonhar grande exige grandes sacrifícios. Comecei a idealizar o projeto da Vila sem nenhum centavo no bolso e com apenas a minha mente viajando nas ideias. Foi duro. Fui chamado de maluco, de “sonhador” (com sarcasmo, no sentido pejorativo), mas eu estava visualizando o bairro reflorestado (hoje já terminamos e até o prefeito de lá elogia muito o projeto). À medida que a ideia foi tomando forma, as pessoas foram aderindo e começaram a entender a dimensão do projeto. Falta a gente iniciar a segunda parte: construir as residências, escolas, postos de saúde. Já está tudo praticamente pronto para isso, só dependemos dos recursos financeiros,

que virão, se Deus quiser de iniciativas como a venda deste livro no Brasil e no mundo, além de doações e outras formas de colaboração.

18. SELEÇÃO DOS BENEFICIÁRIOS DAS PRIMEIRAS CASAS

Pessoas de origem humilde e de baixa renda que tiveram suas casas destruídas depois da passagem do Furacão Matthew – e que atualmente não têm perspectiva ou conhecimento para mudar sua própria realidade. Esse é basicamente o perfil das famílias que estamos selecionando para receber as primeiras casas construídas no âmbito do nosso projeto.

A escolha das famílias foi feita a partir de uma coleta de informações sobre os moradores de Don de L’Amitié. Essas informações passaram por uma análise criteriosa do perfil socioeconômico, para que a escolha tenha o máximo de transparência. Após essa etapa, será necessário levar em conta a vulnerabilidade de cada família em relação a desastres futuros e

considerar novos critérios para estabelecimento da demanda. Sempre será necessário considerar a capacidade de resposta (quer dizer, a capacidade de sobrevivência e reestruturação pós-desastre) de cada família e seu grau de participação no processo de mutirão.

Desejamos construir inicialmente uma comunidade com um conjunto de 15 casas populares para beneficiar 15 famílias – em torno de 75 indivíduos, diretamente, e entre 400 a 500 pessoas, indiretamente. Esse segundo grupo será beneficiado através de serviços básicos e a construção de padarias, oficinas, espaço comunitário de convivência, centro cultural, horta comunitária, escola, igreja, parque de diversões, biodigestor e instalação de placas fotovoltaicas (placas de captação de energia solar), captação de água, construção de poços artesianos com bombas hidráulicas, entre outras coisas.

O processo de seleção seguirá os seguintes critérios:

- a) Famílias carentes com renda familiar inferior a 1 salário-mínimo ou sem renda;
- b) Famílias com maior número de filhos menores de idade;

Para melhor definição do grupo selecionado serão utilizados padrões de pontuação para análise socioeconômica:

- a) Renda Familiar / Renda per capita:
 - *abaixo de 1 salário-mínimo = 3 pontos
- b) Estado civil (10 pontos)
 - Solteiro/separado/viúvo com filhos = 4 pontos
 - Casado/Amasiado com filhos= 2 pontos
 - Casado sem filhos = 1 ponto
 - Solteiro/arrimo de família = 3 pontos
- c) Número de filhos por família (4 pontos)
 - Para cada filho menor de 15 anos = 3 pontos
 - Filho acima de 15 anos = 1 ponto
- d) Situação habitacional (8 pontos)

- Casa destruída após a passagem do furacão Matthew e pessoas que vivem em abrigo até hoje = 6 pontos
- Reside há mais de 5 anos em Don de L’Amitié = 2 pontos
- Não possuir imóvel em outro lugar e ter família morando fora do Haiti por um período maior ou igual a 1 ano, condição similar para todos os beneficiários do projeto Vila Marie.

Com esses critérios bem definidos, esperamos iniciar a construção das primeiras casas logo após a conclusão das etapas de organização das equipes de trabalho, de preparo do solo e obtenção dos recursos. O desafio é grande, mas, se você acompanhou minha história até aqui, deve ter percebido que eu não fujo deles.

Por todos os lugares onde tenho passado no Brasil, falando sobre essa ideia, venho recebendo o carinho e o incentivo de pessoas

que acreditam nessa causa e querem ajudar. Doações podem ser feitas, empresas podem colaborar, pessoas comuns podem espalhar a nossa ideia. Ao adquirir este livro, você colocou o seu tijolo, a sua contribuição em cada casa que será construída. Se quiser participar mais, basta indicar o livro para outras pessoas, divulgando o link: www.reconstruindoumsonho.com. Sou profundamente grato por sua ajuda e espero que o seu gesto traga como recompensa muitas bênçãos de Deus a você. Acompanhe as notícias sobre o projeto e, tenha certeza: essa história vai ter um final feliz para muitas famílias haitianas...

19. MENSAGENS DE INCENTIVO AO LONGO DO PROJETO

Este capítulo se dedica especialmente às pessoas que têm colaborado e me incentivam, impactando o projeto. Elas tiveram a sabedoria de me deixar ouvir o quanto eu estava no caminho certo. Sinto-me honrado em fazer parte

da vida delas e, ao mesmo tempo, sinto a responsabilidade de trabalhar cada dia mais, para corresponder ao carinho, ao incentivo e às expectativas de todos. O projeto carrega todo um sonho e reflete a esperança de muitas pessoas e a audácia de melhorar a vida delas. A todos o meu Merci Beaucoup! Muito obrigado!

“Conheci o Jac-ssone em 2016 e sempre aprendi muito com ele. Contudo, o que sempre me surpreendeu foi a sua capacidade de superar qualquer obstáculo sempre com um sorriso bem grande no rosto, muito jogo de cintura e alegria, apesar dos pesares: nada mais haitiano e brasileiro que isso. (RE)CONSTRUINDO UM SONHO é leitura obrigatória não apenas para engenheiros, mas para quem anda desacreditado quanto a um mundo melhor. Ainda há esperança”.

Felipe Santoro, Historiador (fevereiro de 2018)

“Desde 2012 na UFRJ e, com certeza, é o projeto do qual mais me orgulho de participar! Parabéns, Jac-ssone Alertel!”

Daniel Shiguematsu, estudante de Engenharia Civil (agosto 2017, rede social)

“Jac-ssone Alertel, parabéns pela sua história de vida, mas principalmente por torná-la inspiradora para todos!”

#engenheirosqueirãomudaromundo#UFRJ

#tijolosustentável #Jacéocara

Amanda Guimarães, estudante de Engenharia Civil (agosto 2017, rede social)

“Essa história precisa ser compartilhada. Parabéns Jac-ssone!”

Ricardo Leal, Engenheiro Civil (agosto 2017, rede social)

“Orgulho em poder estudar no mesmo lugar que esse grande ser humano. Voa Jac-ssone Alertel!”

**Wallace Farias, estudante de Engenharia Civil
(agosto 2017, rede social)**

“Jac-ssone Alerte, o grande responsável pelo projeto do qual eu tenho orgulho e prazer de poder fazer parte.”

**Ana Claudia Cruz, estudante de Engenharia Civil
(agosto 2017, rede social)**

“Eu tenho CERTEZA de que vou ver com esses olhos meio puxadinhos aqui a realização desse sonho tão lindo, tão nobre... Aliás, isso não é um sonho, é uma missão de vida, né?”

**Izabela Nascimento, estudante de Engenharia Civil
(agosto 2017, rede social)**

“Sempre com o sorriso estampado e aquele marcante alto-astral! Fico na torcida para que sua história chegue ao conhecimento de muitos outros e assim desperte aquela natural motivação!”

Mateus Oliveira, Estudante de Engenharia Civil (agosto 2017, rede social)

“Jac-ssone é um grande amigo e inspiração diária de empatia”.

André Moura, estudante de Engenharia Civil (agosto 2017, rede social)

“Um exemplo de pessoa e profissional! Jac-ssone Alerte, você nos inspira e nos motiva a continuar batalhando em direção a nossos maiores sonhos... Parabéns por essa grande conquista !!!”

Juliana Nogueira, Dentista (janeiro, 2018)

“Uma das coisas que eu mais admiro num engenheiro é a forma como ele oferece os seus serviços à sociedade. Foi um grande prazer conhecer o Jac-ssone Alerte na faculdade. Eu torço muito pelo projeto e pelos ideais que ele compartilha comigo! É que ele pratica engenharia de uma das formas mais bonitas que

eu já vi! A matéria da Agência Brasil explica muito bem”.

Débora Ladeira, estudante de Engenharia Civil (janeiro 2018, rede social)

“Sucesso Jac-ssone Alerta! Vamos sempre em frente”!!

Stela Magali, Engenheira Civil (janeiro 2018, rede social)

“Que orgulho! Aquele menino maroto, recém-chegado ao Brasil, que não conseguia falar um "olá!"... Hoje tem alçado voos altos.... É digno de tudo que vier a colher, por esforço próprio! Parabéns!”

Gabrielle Santos, (janeiro 2018, rede social)

“Eu estive ocupado naqueles dias após sua visita, mas agora vou selecionar o material para você dar seguimento ao seu projeto”.

Francisco Casanova de Castro, pesquisador da COPPE/UFRJ e ganhador do prêmio da UNESCO (janeiro 2018)

“Seu projeto deve conter três estudos de viabilidade: técnica (segurança estrutural, disponibilidade de matéria prima, capacidade de execução, etc.), social (atendimento às necessidades da comunidade, adequação quando comparado ao que existe atualmente, sustentável, ambientalmente correto, atende aos padrões da Unesco, etc) e econômico (boa relação custo-benefício, acessível a fundos do Banco Mundial, etc). É isso. Mãos à Obra”.

José Roberto Ribas, Engenheiro Civil e Professor de Economia na Construção Civil na UFRJ (dezembro, 2016)

“Você está destinado a coisas grandes meu amigo. Não porque você quer ser grande, mas porque seu objetivo de ajudar é grande. Mantenha a humildade e a fé em Deus, corre

atrás e deixa Ele te usar, que você verá grandes coisas ainda acontecendo na sua vida e na vida dos que estiverem à sua volta”.

Miguel Joffer, estudante de engenharia civil (janeiro 2018, rede social)

“Você é uma das pessoas mais especiais que conheço. Sua história é pura inspiração e precisa ser contada, principalmente para os jovens que sonham com um mundo mais justo e melhor para todos. Determinação, foco, caráter, compromisso e boas ideias. Tudo isso me remete à sua trajetória de vida. Você vai longe e fico por aqui, torcendo. Você merece! Obrigada por tudo!”

Patricia Nogueira, Coordenadora Pedagógica (janeiro, 2018)

“Jac-ssone, meu amigo. Como você cresceu desde que chegou ao Brasil! Bom ter treinado inglês e aprendido um pouco de francês com você no Alojamento da UFRJ. Muito bom ser

inspirado por seu carisma. Sinto-me muito honrado em editar o livro que conta essa sua história sensível e cativante. Que Deus continue te dando capacidade e inspiração para ir na contramão deste mundo, levando a quem mais precisa um pouco de esperança e dignidade. Parabéns!”

Fernando Lúcio de Oliveira, professor e editor responsável pelo Grupo Oliveiras – Editorial & Consultoria (março de 2018).

“Jac-ssone! Lendo sua história eu pude ver o quanto você é perseverante e altruísta. Apesar de conhecer você há pouco tempo, tenho certeza de que chegará ainda mais longe. Ah! Um dia quero uma casa construída com o seu tijolo! Sucesso!”.

Caroline Teixeira de Oliveira, professora e diretora de projetos do Grupo Oliveiras – Editorial & Consultoria(março de 2018).

“Jac-ssone, *ça va bien?* Cara, tua história é muito inspiradora e tenho certeza de que muitas pessoas vão te ajudar a realizar esse grande sonho. Bom ter conhecido você na época em que moramos no Alojamento da UFRJ. Soube que está publicando um livro sobre isso. Vai em frente e parabéns!”

Nathan Oliveira, Professor de Francês (março de 2018).

“Jac-ssone Alerte, parabéns meu irmão! Sempre acreditei na existência de pessoas como você: capazes, talentosas e que nunca deixam de pensar na sua origem (nem por um segundo). A reconstrução do Haiti é um papel nosso; cada cidadão haitiano (dentro ou fora do país) tem uma responsabilidade: contribuir para recuperar a nossa dignidade (fazer com que a humanidade nunca se esqueça de quem somos). O projeto é maravilhoso e significativo para o povo haitiano. Espero que seja um sucesso para você e sua equipe, os beneficiários e para a

sociedade como um todo.” **Mickenson Jean Baptiste, estudante de Ciências Econômicas (janeiro, 2018)**

“Parabéns Jac-ssone! Nesse engajamento por um futuro melhor no Haiti, não basta a gente dizer como o país é e deveria ser, mas sim botar a mão na massa, através das nossas possibilidades e limitações para transformá-lo.”

Handerson Joseph, Historiador haitiano e Professor da Universidade Federal do Amapá (janeiro, 2018)

“Esse é o caminho. Saia do teu país, estude, crie oportunidades e projetos e volte pra ajudar teu povo. Nunca vamos nos reconstruir se pensarmos só em nós. Sozinhos somos soldados. Juntos somos um exército.”

Daniele Cantanhede (janeiro, 2018)

“Parabéns, Jac-ssone Alerta! Orgulho de você! Acompanho sempre as tuas ações e nosso país

precisa desse tipo de projeto! Apoio totalmente! Sucesso e boa sorte!” **Jean Baptiste Joseph, engenheiro civil (janeiro, 2018)**

“Parabéns! Belo trabalho! Que Deus abençoe muito seus planos! Seus irmãos haitianos precisam!”

Ana Claudia Rempto (janeiro, 2018)

“Você venceu. Esse é só um alto degrau de grandes conquistas. Muitas virão! Que Deus te ajude, sempre, sempre.”

Regina Vasconcelos, gerente de marketing da Patrimovel

“Jac-ssone faz a gente ainda acreditar na humanidade! É uma honra participar um pouquinho desse projeto que traz tanta esperança pra essa sociedade (...)”.

Mariana Neves, estudante de arquitetura e responsável pelo projeto arquitetônico da Vila Marie



JAC-SSONE ALERTE, “O cara do tijolo”. Ao fundo, prensa manual para fabricação de tijolos solo-cimento.